

EM CAUSA INVIABILIDADE DO NEGÓCIO

Maersk Oil desiste do Bloco 23

O Ministério dos Petróleos autorizou, por decreto, a mudança de operador do bloco 23 da Maersk Oil para a Sonangol PP, depois de a petrolífera de origem dinamarquesa ter desistido de explorar o bloco em que detinha 80% dos activos. A operadora pública passa assim a exercer a função com efeitos retroactivos, a contar de 1 de Novembro de 2014. Especialistas explicam que a desistência da Maersk deveu-se à inviabilidade do negócio. **Pág. 14**

SECTOR MOVIMENTA ACIMA DE 10 MIL MILHÕES USD POR ANO

Distribuição cresce, mas não estimula produção nacional

SUPERFÍCIES COMERCIAIS. Nos últimos 10 anos, assistiu-se a uma expansão significativa do sector da distribuição, especialmente nos segmentos dos supermercados e hipermercados, com o surgimento de marcas como o Nosso Super, Kero, Candandu, Descontão, Alimenta Angola, Mangolê entre outras. Especialistas apontam, entretanto, vários desafios, com destaque para o estímulo à produção nacional. **Págs 4 a 9**



Registo acima de 57 mil milhões kz



Com o arranque do registo eleitoral oficioso na última semana, o VALOR apresenta as contas desse processo que antecede às eleições de 2017. **Pág. 10**



Transferências interbancárias 'complicadas' no BPC

Pelo menos até à última sexta-feira, contavam-se mais de três semanas que as transferências interbancárias a partir do Banco de Poupança e Crédito estavam "muito difíceis", segundo vários relatos de clientes, entretanto, confirmados por fontes bancárias. Analista julga que o verdadeiro problema é a escassez de liquidez. **Pág. 15**

Moedas AKZ USD 166,7 Kz (+0) ▲ EUR 188,4 Kz (+1,2) ▲ LIBRA 219,2 Kz (+2,8) ▲ YUAN 25,0 Kz (+0,1) ▲ RAND 12 Kz (-0,4) ▼

Descarregue a App

Visite o website: www.valoreconomico.co.ao



Editorial

DISTRIBUIÇÃO: OS DESAFIOS

A

ssim como sucede com os demais sectores nevrálgicos da economia, os desafios essenciais que se colocam à distribuição alimentar, em Angola, já existem identificados. A consultora Deloitte resumiu-os num estudo: melhoria da eficiência e a fiabilidade das cadeias de abastecimento, diminuição da dependência das importações, pela promoção da produção nacional, e qualificação do capital humano.

Vistos no conjunto, é fácil perceber como esses desafios se entrelaçam. E, sobretudo, até que ponto são completamente interdependentes. No plano interno, a fiabilidade das cadeias de abastecimento está condicionada obviamente à elevação da produção nacional a escalas industriais. É uma relação íntima do tipo causa-efeito. Não é possível pensar-se no fornecimento regular das superfícies comerciais, com recurso aos produtos locais, quando a produção nacional estagna em níveis residuais de subsistência. É certo que, pelo meio, se colocam outros actores, como os segmentos de logística e transporte, mas estes sucedem necessariamente à expansão da produção nacional. Contas feitas, a solução ao segundo constrangimento elencado pela Deloitte – a diminui-



ção das importações - fica automaticamente explicado. Mais uma vez, são os níveis de subsistência da produção nacional a condicionar a redução das compras ao exterior que alimentam o comércio. Não será demais reactualizar, com informação oficial, que Angola importa 96% dos produtos que abastecem o comércio interno, onde naturalmente se junta a distribuição alimentar.

Mas, dito isto, não se podem precipitar conclusões que isentem os operadores das superfícies comerciais das obrigações, referidas acima como desafios. Não sendo propriamente um encargo directo seu, o sector da distribuição tem responsabilidades evidentes no conjunto das dificuldades que emperram a produção nacional.

Ao contrário do que diz, por exemplo, António Soares, presidente da empresa que controla

os supermercados Mangolê (ver título da página 9), vários observadores consideraram sempre o negócio da distribuição como um dos que mais interessado esteve nas compras ao exterior. Pelo menos até à instalação da crise cambial. Uma das razões é de natureza económica. Os produtos importados, pelo menos até ao agravamento da crise, eram mais baratos. Importar era mais competitivo do que adquirir os produtos locais que, além de qualidade questionável, eram mais caros. A outra razão envolve contornos criminais. O negócio da distribuição é, várias vezes, associado aos esquemas que levaram à saída de divisas do país de forma escandalosa. Sobretudo pela prática da sobrefacturação, que facilitava a transferência e a acumulação de valores no exterior para propósitos não declarados. Acredita-se que essas 'facilidades' terão contribuído, em parte, para que algum do produto nacional disponível fosse, em alguns casos, preterido em benefício das importações.

O último desafio – a qualificação do capital humano – não pode ser dissociado dos condicionamentos que envolvem a educação e o ensino em Angola. Todavia, não deixa de ser verdade que, a nível da qualificação profissional, as empresas têm palavra decisiva. E as do sector da distribuição não serão uma excepção.



FICHA TÉCNICA

Director-Geral:

Evaristo Mulaza

Directora-Geral-Adjunta:

Geralda Embaló

Editor Executivo:

António Nogueira

Editor gráfico e chefe de produção:

Pedro de Oliveira

Redacção:

António Miguel, Edno Pimentel, Isabel Dinis, José Zangui, Mateus da Graça Filho, Nelson Rodrigues e Valdimiro Dias

Secretária de Redacção:

Lúcia de Almeida

Fotografia:

Manuel Tomás, Mário Mujetes e Santos Samuessa

Paginação:

Francisco de Oliveira, João Vumbi e Edvandro Malungo

Colaboradores:

Cândido Mendes

Produção gráfica:

Notiforma SA

Propriedade e Distribuição:

GEM Angola Global Media, Lda

Tiragem:

4.000 N.º de Registo do MCS: 765/B/15

GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração:

Geralda Embaló e Evaristo Mulaza

Departamento Administrativo:

Jessy Ferrão, Nelson Manuel e Valdimir de Almeida

Departamento comercial:

Arieth Lopes, Geovana Fernandes e Mariquinha Rego

Tel.:

+244941784790-(1)-(2)

N.º de Contribuinte:

5401180721; N.º de registo estatístico: 92/82 de 18/10/82

Tel.:

+244 936272323

Endereço:

Rua Fernão Mendes Pinto, n.º 35, Alvalade, Luanda/Angola, Telefones:

+244 222 320510, 222 320511

Fax: 222 320514

A semana

3 PERGUNTAS A...



Daniel Quipaxe

PCA dos CFM

Que resultados os Caminhos-de-Ferro de Moçâmedes perspectivam alcançar este ano?

Objectivamos a promoção da eficiência, como foco estratégico, sendo o grande objectivo o alcance da sustentabilidade económico-financeira, que se traduzirá no aumento das operações comerciais.

Que balanço faz do desempenho da empresa, durante o ano passado?

O ano de 2015 foi, para o CFM, de significativas mudanças. A recepção provisória das infra-estruturas ferroviárias atribuiu à empresa uma imagem mais moderna, digna de estar inserida num contexto de competitividade nacional. Foram realizados 1.198 comboios, resultando no transporte de 358.571 passageiros e 54.344 toneladas de mercadorias diversas.

Como o CFM está servido, em termos de estações ao longo da via-férrea, nas rotas que percorre?

O programa de reabilitação e modernização do CFM, nas suas várias componentes, visou a construção de 56 estações ao longo da linha férrea, sendo três especiais, localizadas no Sacomar, Lubango e Menongue; sete estações de 1ª classe, localizadas no Namibe, Bibala, Quipungo, Matala e Jamba; 11 estações de 2ª classe e 35 estações de 3ª classe.

22
TERÇA-FEIRA
O director provincial da Indústria e Geologia e Minas, no Namibe, Armando Valente, revelou que duas novas unidades fabris de polimento de mármore e granitos deverão entrar em actividade a partir do próximo mês de Dezembro. A iniciativa é de dois grupos empresariais nacionais.

24
QUARTA-FEIRA
As mulheres empresárias e empreendedoras de pequenos negócios, no Kwanza-Norte, reuniram-se, nesta data, na cidade de N'Dalatando em assembleia para a proclamação da Associação de Mulheres Empresarias e Empreendedoras do Kwanza-Norte (Assomecn).

25
QUINTA-FEIRA
O Porto de Luanda registou, no I semestre deste ano, uma produção geral de 3.133 mil milhões de toneladas de carga contentorizada, um decréscimo na ordem de 1.6 mil milhões de toneladas, comparativamente ao período homólogo de 2015.



SEGUNDA-FEIRA

O Banco Nacional de Angola anunciou, em comunicado, ter efectuado a venda de divisas no montante de 77,1 milhões de euros, no período de 15 a 19 do corrente mês. A operação visou acobertar gastos com as viagens e ajuda familiar, salários de expatriados e de reposição da posição cambial.

26
SEXTA-FEIRA
Um comunicado, divulgado pela Sonangol E.P e a Esso Exploration Angola, revela que o sector petrolífero registou uma produção cumulativa de dois mil milhões de barris, em 13 anos, um feito atribuído ao empreiteiro do Bloco 15, no offshore angolano.



27
SÁBADO
A Polícia Fiscal, no Cunene, anunciou ter efectuado o registo de 17 infracções fiscais tributárias, durante a semana finda, nas esquadras fiscais de Santa-Clara e Xangongo, representando mais um em relação ao período anterior.



28
DOMINGO
Uma fábrica com capacidade para produzir 500 sacos de cimento cola por dia entrou em funcionamento em Agosto, em Bambi, no Uíge, anunciou o gerente da Lacola e Filhos, Lando Cacalo. É a primeira do género e já produziu mais de dois mil sacos de cimento cola.



COTAÇÕES



NIGÉRIA 'FECHA' EM GRANDE

A semana de 22 a 26 de Agosto foi de ganhos para cinco dos principais sectores da economia nigeriana – seguros, bebidas, fumo e bancário – que, à Nigerian Stock Exchange (NSE), também designada NSE 30, deram um impulso de 0,11%. A confirmação dos ganhos foi tornada pública no fecho da sessão, na capital Lagos. O melhor desempenho da sessão no Índice NSE 30 veio das acções da Unilever.



BRENT NÃO CHEGA A 50 DÓLARES

Os contratos futuros de petróleo para entrega em Outubro abriram a sessão da última sexta-feira ao preço de 49,6 dólares, por barril. Era expectável que, após o discurso da líder do FED, Janet Yellen, o 'gráfico' apontasse para além dos 50 dólares, mas, desde o início da semana que o Brent fecha nos 49 dólares. Às 18 horas da última sexta-feira, os índices apontavam para 49,8 dólares.

Observatório

SECTOR VALE MAIS DE DEZ MIL MILHÕES DE DÓLARES

Distribuição cresce, mas não impulsiona produção

DISTRIBUIÇÃO ALIMENTAR. Ancorado na importação (mais de 85% da mercadoria importada), o sector da distribuição é dos que mais cresce em Angola, com um volume de negócios a ultrapassar os dez mil milhões de dólares anualmente. Os números até podem ser animadores para os protagonistas do negócio, mas observadores consideram que “não satisfazem o interesse do Estado”, tendo em conta que não se reflectem no aumento da produção nacional.

Por António Miguel e Isabel Dinis

Durante mais de três décadas, Angola, com uma população estimada, na altura, em mais de 15 milhões de habitantes, dispunha de apenas um hipermercado (o Jumbo), pelo que nem se podia falar de mercado de distribuição. Mas, nos últimos dez anos, o paradigma mudou com o surgimento de mais de dez insígnias (grossistas e retalhistas), o que empurrou o sector para níveis de competitividade mais próximos do que ocorre em países mais desenvolvidos. Aliás, há marcas internacionais que se imple-

mentaram, no território nacional, tornando o mercado mais competitivo.

Mas, apesar desse crescimento, há pela frente ainda muitos desafios. Um dos mais destacados é o estímulo necessário à produção nacional, contribuindo, com efeito, para a diversificação da economia, como aponta António Soares, presidente executivo da SODOSA, detentora do supermercado Mangolé e do grossista Mercadão. “O sector ainda não está a cumprir o seu ‘papel estratégico’, tendo em conta que o crescimento não se faz sentir no aumento da produção nacional, fundamentalmente, na agropecuária”, caracteriza.

Vários outros gestores do sector que aceitaram falar para o VALOR, sob anonimato, afirmam que o negócio é lucrativo, atingindo um volume de negócios anual acima dos 10 mil

milhões de dólares, mas lamentam o facto de dependerem excessivamente das importações. O Jumbo, por exemplo, a mais velha insígnia do sector, importa mais de 70% das mercadorias que tem nas suas prateleiras.

Por isso, e face à situação da crise económica, financeira e cambial que condiciona, sobremaneira, os processos de importação, vários operadores admitem, para já, buscar alternativas internas para o abastecimento das grandes superfícies, especialmente com produtos de primeira necessidade, como o arroz, o feijão, a fuba, o óleo, o sal e a carne.

SEM CRÉDITO PARA INFRA-ESTRUTURAS

A construção de infra-estruturas, como redes de lojas e armazéns de abastecimentos a unidades comer-

mercado informal, outros com as dificuldades em aceder a divisas e, com isso, poupar os produtos, para se evitar uma quebra de estoques, e outros ainda com a justificativa da falta de estoques.

Os anúncios da limitação de compras são bem visíveis para que não



30

É o número aproximado de marcas que animam o sector da distribuição e angolanos.

cias, e a aquisição de equipamentos, como câmaras frigoríficas, sistemas informáticos para a gestão e meios rolantes, como carrinhas, representam os principais custos dos investimentos na distribuição, sendo estes os factores que definem a dimensão do sector. Mas o presidente executivo da SODOSA indica que os bancos, “parti-

CONTINUA NA PÁG.6

Compras limitadas

Nos últimos tempos, quase todos os supermercados e armazéns vendem os produtos a ‘conta gotas’, incluindo os produtos da cesta básica. Alguns justificam a medida como forma de se evitarem as compras em grandes quantidades para depois serem vendidos a preços especulativos no

restem dúvidas aos clientes durante as compras, “quem levar para além do estipulado, tem que devolver”. A medida começou a ser adoptada no começo do ano. Na altura, a ‘boa-nova’ criou um ‘alvoroço’ na população, que reclamava não poder comprar o que podia de acordo com o número de

agregado. Os produtos mais visados são os da cesta básica como: leite, ovo, açúcar, arroz, farinha de trigo, água, óleo alimentar, massa, entre outros.

O economista Jaime Fortuna, em declarações ao ‘Nova Gazeta’, declarou que o racionamento de produtos deve ser entendido como uma “medida de

35,3%

OFICIALMENTE, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), os preços em Luanda subiram 35,3% nos últimos 12 meses, até Julho.

Investimentos e inaugurações de alguns retalhistas

ANGOMART
Investimento n/d
Emprega n/d
Num. lojas 3
Inaugurado 2006
Grupo Zanzi



KERO
Gika - investimento 50 milhões de dólares Emprega 950 trabalhadores
Cacuaco - invest. 27 milhões de dólares Emprega 422 trabalhadores
Talatona - invest. 35 milhões de dólares Emprega 510 trabalhadores
C. Kilamba - invest. 25 milhões de dólares Emprega n/d
Atrelado ao Xyami (Morro Bento) - invest. 5 mil milhões de kwanzas Emprega 150 trabalhadores
Atrelado Xyami (Nova Vida) - invest. 3,5 mil milhões Emprega 500 trabalhadores
Lobito - invest. 2,5 mil milhões de kwanzas Emprega 400 trabalhadores
Benguela - invest. 2 bilhões de kwanzas Emprega 370 trabalhadores
Atrelado ao Xyami (Lubango/Huíla) - invest. 20.000.000 de USD Emprega 500 trabalhadores
Mártires do Kifangondo - invest. n/d Emprega n/d
Comandante Valódia - invest. n/d Emprega n/d
Viana - invest. n/d Emprega 400 trabalhadores

SHOPRITE

SHOPRITE
Investimento 50 milhões de dólares
Emprega 3400 trabalhadores
Num. lojas 20
Inaugurado 2003
Grupo Shoprite

MARTAL
Investimento n/d
Emprega 200 trabalhadores
Num. lojas 1
Inaugurado 1968
Grupo Martal

DESKONTÃO
confiança na compra, frescura no preço

DESKONTÃO
Investimento 33 milhões de dólares
Emprega 183 trabalhadores
Num. lojas 1
Inaugurado 2013
Grupo Score Distribuição

NOSSOSuper

NOSSO SUPER
Investimento 1,7 mil milhões de dólares
Emprega n/d
Num. lojas 31
Inaugurado 2007
Grupo Público

Alimenta ANGOLA
Cash and Carry

ALIMENTA ANGOLA
Investimento n/d
Emprega 150 trabalhadores
Num. lojas 2
Inaugurado 2009
Grupo Tenda Atacado



POMOBEL
Investimento n/d
Emprega 160 trabalhadores
Num. lojas 4
Inaugurado n/d
Grupo Pomobel



JUMBO
Investimento n/d
Emprega 550 trabalhadores
Num. lojas 3
Inaugurado 1973
Grupo Auchan



CANDANDO

CANDANDO
Investimento 40 milhões de dólares
Emprega 750
Num. lojas 1
Inaugurado 2016
Grupo Contidís

ALGUNS 'GIGANTES' QUE MORRERAM

Canguru
Interpark
Supermercados Nzambas
Angoship



MÁXI
Investimento n/d
Emprega 1.500 trabalhadores
Num. lojas 15
Inaugurado 1996
Grupo Teixeira Duarte

MEL
Investimento 3 milhões de dólares/ Primeira loja
Emprega 123 trabalhadores
Num. lojas 2
Inaugurado 2014
Grupo Score Distribuição

MANGOLÊ
Investimento 22 milhões de dólares
Emprega 220 trabalhadores
Num. lojas 1
Inaugurado 2013
Grupo Sodosa

emergência que procura salvar uma socialização da disponibilidade de bens". A medida, segundo o economista, é adoptada pelas grandes superfícies comerciais em "situações extremas" como forma de permitir a acessibilidade a todos os necessitados de maneira equilibrada, para não

provocar os habituais desequilíbrios. Jaime Fortuna reconhece o "desconforto", porque as famílias não têm todas o mesmo número de agregado e a procura dos produtos também não é a mesma para todos, admitindo, por isso, que a situação acarreta um "desequilíbrio social".

O economista alerta, no entanto, que o racionamento pode potencializar o mercado informal. "Se recuarmos no tempo em que havia o cartão de abastecimento vamos perceber que muitos cidadãos adquiriam um bem que não necessitavam e acabavam por vender a outro preço". "Se

antes a preferência era comprar batata importada, hoje a solução é comprar a nacional", conclui.

Oficialmente, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), os preços em Luanda subiram 35,3% nos últimos 12 meses, até Julho, renovando máximos históricos, próxi-

mos da nova previsão do Governo para todo o ano de 2016. Mesmo com esses níveis históricos, têm sido apontadas discrepâncias entre os preços que constam do cabaz analisado pelo INE e a real venda ao público.

Isabel Dinis

Observatório

CONTINUAÇÃO DA PÁG.5

camente, não concedem créditos para este tipo de investimento”, condicionando, em certa medida, a expansão do negócio da distribuição. A banca, como nota o empresário que está no mercado há quase 20 anos, tem mais abertura para conceder créditos que visam a importação de mercadorias. “Se não há financiamento bancário, não se consegue construir. Porque as empresas, em todo o mundo, se financiam para crescer. Se formos ver os grandes grupos internacionais, todos têm dívidas enormes com a banca. É preciso financiamento para que as economias cresçam. A distribuição não vive só de comprar e vender”, alerta o interlocutor, exemplificando que a construção do supermercado Mangolé, situado no Morro Bento, em Luanda, custou ao grupo que dirige 22 milhões de dólares.

O VALOR contactou a associação de empresas de comércio e distribuição moderno de Angola (ECODIMA), mas não teve sucesso. O secretário-geral, Reinaldo Pereira, avançou que ninguém da associação estava disponível para falar sobre o sector.

FRACA ALTERNATIVA

Se o problema é a excessiva dependência da produção estrangeira, a solução é a produção nacional. Mas, ao que parece, não será tão cedo que a distribuição deverá ‘libertar-se’ da ‘maldita importação’, tendo em conta que, a nível interno, não há grandes alternativas. Ou seja, a produção não cresce ao ritmo da distribuição.

Os empresários das superfícies reclamam constantemente da falta de qualidade e quantidade dos produtos nacionais, com maior destaque para produtos do campo, argumentado também que o produto importado é mais barato. “Para carnes”, por exemplo, explica um entrevistado ligado ao hipermercado Alimenta Angola, que preferiu falar em anonimato, “não existem órgãos internos que monitorizem a qualidade do gado abatido. Nunca se sabe se foram vacinados,

se o ambiente de abate tem as condições sanitárias necessárias, e se existe um sistema de refrigeração adequado aos padrões internacionais”. Situação contrária com os “fornecedores internacionais que têm esse acompanhamento e garantia de qualidade sobre todos estes pontos”.

“Há uma fazenda, a GEAC, por exemplo, sediada no Kwanza-Sul, que nos propôs fornecer batata-rena e abacaxi nacional. Mas só nos ofereceu duas vezes a batata-rena, até ao momento nunca mais apareceu. Tentámos entrar em contacto com eles e não conseguimos. As pessoas vêm fazer propostas, fizemos contratos. Começam, mas depois acabam por afundar-se”, apontou o gerente ope-

MEMORIZE

● **O negócio da distribuição é baseado no fornecimento rápido, como se diz na expressão inglesa ‘just in time’.** O ‘just in time’ quer dizer: encomendo ao meu fornecedor e o fornecedor traz-me a mercadoria a x horas, no máximo no dia seguinte. Ora, quem importa não pode fazer o ‘just in time’, porque é impossível importar e chegar cá no dia seguinte, explicou António Soares.

racional do Jumbo. Manuel Gourgel entende que muitos dos fazendeiros não honram os compromissos assumidos com os supermercados por falta de capacidade de produção. “Pede-se a um determinado fornecedor mil quilos de tomate, ele só nos traz 200 ou 250 quilos. Isto tem estado a acontecer constantemente. Então, isto dificulta, tendo em conta a nossa capacidade de venda. Às vezes, ficamos sem satisfazer os nossos clientes nas proporções que a gente gostaria”, lamenta. Queixas que são reconhecidas pelo administrador da fazenda agropecuária Nova Agrolider, João Macedo. “Os distribuidores reclamam, de facto, da qualidade e dos preços dos produtos nacionais, mas, apesar disso, conseguimos ven-

der os produtos a várias cadeias de distribuição”, esclarece o fazendeiro que admite, entretanto, que grande parte da produção nacional acaba escoada para o mercado paralelo, precisamente pela ‘dessintonia’ entre distribuidores e produtores.

CONTRASTES

Enquanto os protagonistas da distribuição reclamam da falta de quantidade e qualidade dos produtos nacionais, o director-geral da organização não-governamental ADRA, Belarmino Jelembé, afirma que retalhistas congolezes vêm ao país comprar tomate, batata-rena e outros produtos produzidos em solo angolano. “Pessoas informalmente, com os seus meios articulam



Mário Mujetes © AE

O Estado concorre com os privados, com as lojas Nosso Super e Poupo Lá.

2000

É a década que mais registou o surgimento insígnias de supermercados (mais de sete).

25

Milhões é número estimado de habitantes em Angola segundo Censo de 2014.

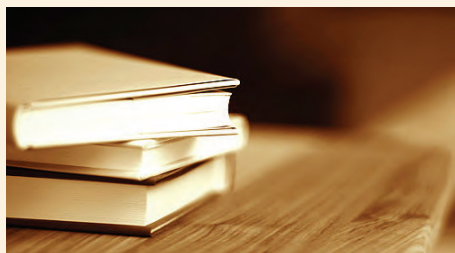
80%

Das mercadorias comercializadas nos supermercados de Angola são importadas.

31

É o número de lojas 'Nosso Super', espalhadas em todo território nacional, o que faz dessa rede comercial pública a maior de Angola.

Glossário



HIPERMERCADO

É um tipo de loja de comércio a retalho, de grande porte, combinando características de um supermercado com uma loja de departamento. Os hipermercados são classificados como híper quando dispõem de uma área de vendas superior a 2000 metros qua-

drados, dos quais pelo menos 50% são reservados a produtos alimentares.

SUPERMERCADO

É o comércio tradicional de alimentos, com um sistema de autosserviço que oferece uma grande variedade de alimentos e produtos domésti-

cos, organizados em corredores. Os supermercados dispõem de uma vasta selecção de mercearia tradicional, mas é menor e mais limitado na gama de mercadorias do que um hipermercado. Os supermercados devem ter de 200 a 2000 metros quadrados, e maioritariamente, deve ser dedicado

12

DAS 31 LOJAS da rede pública de supermercados Nosso Super estão situadas em Luanda. Entendedores da matéria criticam o envolvimento directo do Estado na distribuição, porque o país está em regime de economia de livre mercado.

com distribuidores que vão fazendo chegar até lá, vendendo em dólares. Este é um segmento que pode gerar emprego aos jovens”, alerta.

O responsável daquela ONG, envolvida no desenvolvimento da agricultura e da comunidade rural, aponta que as cooperativas, em diferentes municípios, precisam de assistência técnica sobre informação de mercado e cadeia de valor. “Muitos produtos chegam a Angola a preços mais baixos, porque, nos seus países, foram subvencionados, exactamente para poderem ser competitivos no mercado internacional. Os custos de produção, no nosso país, são dos mais altos, a nível da África Subsariana.”

PRODUTORES REFÊNS

Em economias mais desenvolvidas, notam analistas, é o sector da distribuição que impulsiona a produção, particularmente na agropecuária. “Os distribuidores dizem aos agricultores o que devem produzir, bem como, em que quantidade e qualidade, com garantia de comprarem toda a produção”, precisa um gestor do sector. “Isto ajuda o agricultor a crescer, porque o agricultor passa a ter o escoamento ou a venda garantida. Sabe que pode aumentar a produção porque tem quem compra e é essa empresa de distribuição que envia ao agricultor, o técnico agrónomo, responsável pela qualidade”, completa António Soares.

Mas, continua o gestor, em alguns países, “isso tem um revés da medalha”, porque o mercado se torna competitivo e o agricultor fica refém. “Fica nas mãos das cadeias de distribuição, que depois são estas que decidem o preço que o agricultor deve vender. Às vezes, o produtor vê-se a morrer, porque produz por dez e vende por oito. Por isso, em países como França e Estados Unidos de América, o governo dá subsídios à agricultura para produzir mais ou para compensar as perdas. Faz-se porque os países precisam daqueles produtos”, compara. Angola ainda não está a esse nível, de produtores refêns.

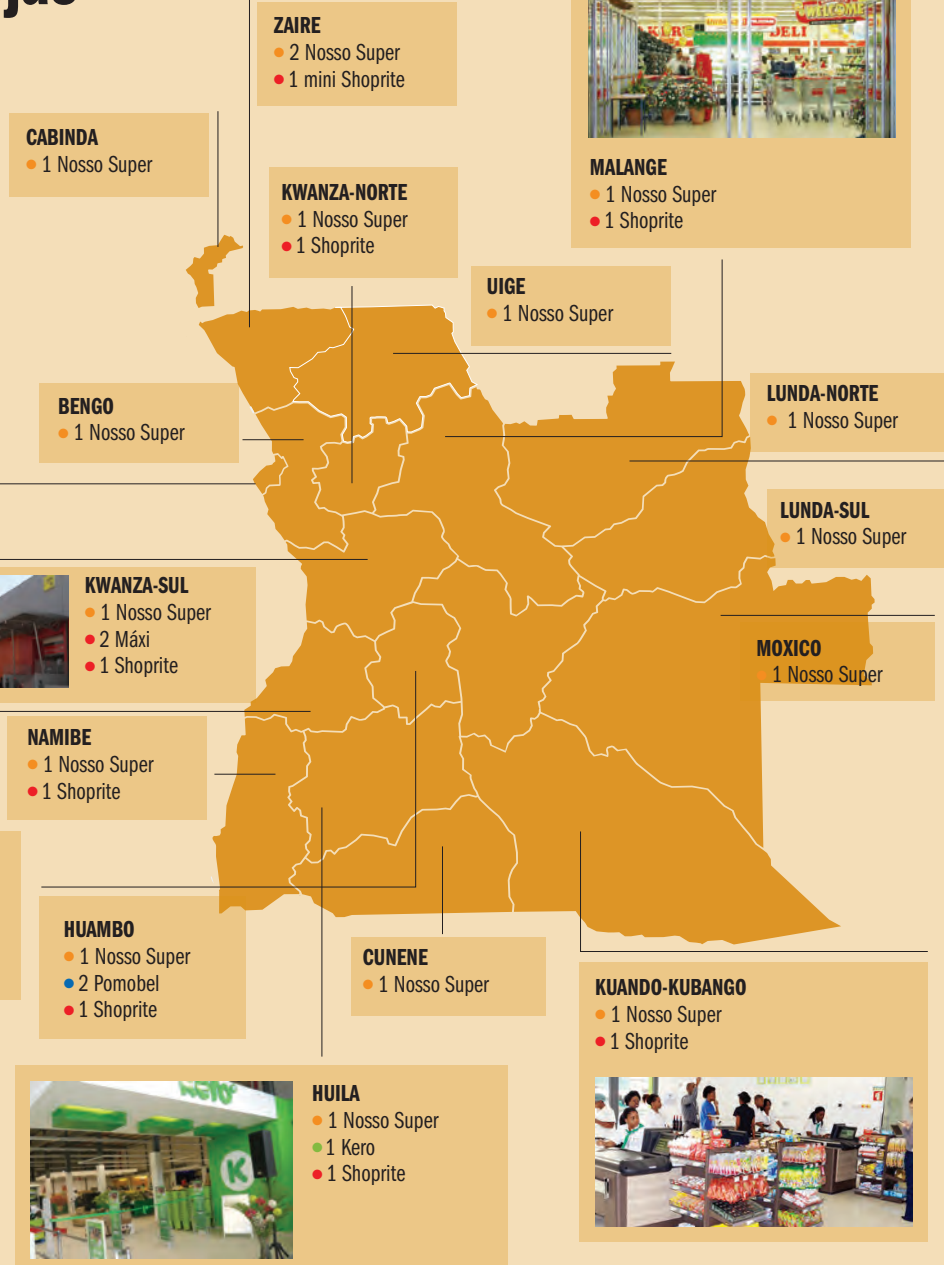
Localização das lojas



- LUANDA**
- 12 Nosso Super
 - 9 Kero
 - 9 Máxi
 - 7 Shoprite
 - 4 Pomobel
 - 2 Alimenta Angola
 - 2 Mel
 - 1 Candando
 - 1 Jumbo
 - 1 Deskontão
 - 1 Martal
 - 1 Mega

Surgimento das empresas de distribuição moderna em Angola de 1960 até 2016

1968	Supermercado Martal	2006	Casa dos Frescos	2013	Supermercado Deskontão
1970	Sem dados	2007	Nosso Super	2014	Supermercado Mel
1973	Hipermercado Jumbo	2008	Lojas Poupa Lá	2015	Supermercado Big One
1990	Sem dados	2009	Hipermercado Alimenta Angola	2016	Hipermercado Candando
1996	Supermercado Máxi	2009	Reabertura do supermercado Pomobel		
2002	Supermercado Shoprite	2010	Mega Cash&Carry		
2005	Criação do PRESILD	2010	Hipermercado Kero		



- MALANGE**
- 1 Nosso Super
 - 1 Shoprite



à venda de produtos alimentares.

‘CASH & CARRY’

Designa um sistema comercial de livre serviço, onde o ponto de venda oferece um modelo de negócios híbrido, voltado tanto para o comprador profissional como para o consumidor final. Este modelo tem especiais vantagens

para os pequenos comerciantes, transformadores e grupos profissionais que, isoladamente, têm pouco poder para negociar junto aos produtores e distribuidores. O princípio do ‘Cash and Carry’ é que o próprio cliente escolha o produto directamente nas prateleiras, comprando-o e levando-o com ele, evitando assim os custos com vendedores, com

transportes e com diversos tipos de serviços não essenciais.

COMÉRCIO A GROSSO

É a actividade de compra e venda em que o comprador não corresponde ao consumidor final, uma vez que o seu objectivo é voltar a vender a mercadoria a outro comerciante ou

a uma empresa manufactureira que utilize a matéria-prima para a transformar/processar.

Em geral, o sistema de venda a grosso necessita de elos em sequência na cadeia de suprimentos, passando pelo comércio retalhista, para alcançar os consumidores finais. É comum que as empresas que actuam neste ramo também operem na distribuição.

Observatório



MAIS DE 40 ANOS DE EXISTÊNCIA

Jumbo, o mais velho hipermercado

Fundado em 1973, o Jumbo é o mais antigo hipermercado de Angola. A 31 de Agosto completa 43 anos de existência, sem nunca ter registado algum interregno. A marca de origem francesa vem ultrapassando as várias fases da história angolana, desde a época colonial, o tempo da economia planificada, a entrada na economia de mercado e, nos últimos 14 anos, a época de paz. O curioso é que, durante os mais de 40 anos, os detentores da empresa não apostaram na expansão da insígnia, ficando apenas instalada na rua Deolinda Rodrigues, ex-estrada de Catete, em Luanda, onde emprega pelo menos 550 pessoas. Apenas recentemente, foram abertas duas mini lojas, ligadas 'ao mais velho' hipermercado, denominados Jumbinhos. Uma está localizada, em Viana (Luanda) e a outra em Caxito, Bengo.

Atualmente, o Jumbo está 'cercado' de várias marcas concorrentes, que se vão espalhando por todo o território nacional, diminuindo a luz do 'veterano' do mercado. "O Jumbo olha esta fase na história da distribuição de Angola, com bastante alegria, porque sabe que a

concorrência traz outros hábitos de consumo e permite que a gente faça uma introspecção para aferir quais são os nossos pontos fortes e fracos", apontou o gerente operacional do Jumbo, Manuel Gourgel, acrescentado que 'o importante é a capacidade e dinamismo de cada marca, de forma a não permitir que os seus clientes recorram a outras insígnias'. Depois do Jumbo, seguem-se o supermercado Martal e InterMarket, situados também em Luanda. A Martal surgiu primeiro do que o Jumbo, mas não tem categoria de hipermercado. Durante as décadas de 80 e 90 surgiram outras marcas de supermercados, maioritariamente em Luanda, mas não a mesma a garra que o Jumbo, acabando por fechar, definitivamente as portas. Angoship, N'zamba, Canguru e Interpark foram algumas das insígnias que brilharam no mercado da distribuição, entre nos anos 80 e 90, mas acabaram por sucumbir. Segundo um estudo da Deloitte, os principais desafios dos actuais supermercados prendem-se com a melhoria da eficiência, com a diminuição da dependência das importações através da promoção da produção nacional e com o desenvolvimento da qualificação do capital humano nacional.

António Miguel

ANTÓNIO SOARES, PROPRIETÁRIO DO MANGOLÊ

“Não há interesse na importação”

ENTREVISTA. Os empresários do sector da distribuição só vão parar de importar quando Angola atingir grandes escalas em termos de produção. A observação é do presidente executivo do grupo SODOSA, que controla o supermercado Mangolê e a empresa grossista Mercadão. António Soares fala de outros desafios do sector, colocando os condicionamentos da banca entre os factores decisivos.

Por António Miguel

Como olha para o sector da distribuição alimentar em Angola?

Tem futuro. Porque, no nosso país, quase todos os sectores de actividade económica ainda são incipientes, ou seja, há uma grande margem de progressão. Por isso é que as empresas estrangeiras chegam cá e, com a experiência que têm, rapidamente ganham alicerces. Ganham mercado e crescem. Algumas delas se tornam muito maiores do que nas respectivas terras de origem. Nós, até há muitos anos, em Luanda, tínhamos apenas o Jumbo. E mais algumas lojas de proximidade, do tempo colonial. Portanto, há mercado e

a tendência é aumentar, porque a população também vai crescendo. Há 15 anos, dizíamos que éramos 14 milhões de habitantes, hoje dizemos que somos 25 milhões.

Como apontou, há cada vez mais supermercados. A concorrência é saudável?

Isso é muito discutível. Em todos os países, há sempre aquela concorrência que é menos leal, por qualquer razão. Em Angola, a lei é branda. Em alguns casos, há facilidades que uns têm e outros não. Mas não creio que isso seja um ponto importante hoje.

E quais são os efeitos concretos da crise no sector da distribuição?

Esta crise veio demonstrar quem são os verdadeiros empresários. Porque as empresas organizadas que têm os seus custos controlados, pessoal controlado, bom sistema de gestão informático, vão sobreviver. Todos esses factores são importantes. Agora, as empresas desorganizadas e que

não têm estes pontos que eu citei e que andaram a gastar dinheiro em coisas menos importantes vão, provavelmente, fechar. O mercado também acaba por seleccionar os bons dos medíocres.

A distribuição é, seguramente, dos sectores que mais faz sair divisas do país?

Isto é outra coisa que é importante desmistificar. Os cidadãos, os políticos, toda a gente tem de perceber que o negócio da distribuição não é forçosamente o negócio da importação. Porque o negócio da distribuição é baseado no fornecimento rápido, como se diz na expressão inglesa 'just in time'. O 'just in time' quer dizer: encomendo ao meu fornecedor e o fornecedor traz-me a mercadoria a X horas, no máximo no dia seguinte. Ora, quem importa não pode fazer o 'just in time', porque é impossível importar e chegar cá no dia seguinte. Quando se está a falar de importar, está-se a falar de 20, 50 a 70 dias, dependendo da

Top 10 das grandes empresas de retalho do mundo

O estudo 'Global Powers of Retailing 2016' da Deloitte, com dados do mercado de 2014, apurou as maiores empresas de retalho no mundo em 2016. O supermercado Wal-Mart Stores dos Estados Unidos ficou em primeiro lugar com 485,651 milhões de dólares de receitas, seguido do Costco Wholesale Corporation também de origem americana, que obteve 112,640 milhões de receitas.



WAL-MART STORES
País EUA
Receitas 485,651 milhões
Fundação 1962
Número de Lojas 8.500



COSTCO W. CORPORATION
País EUA
Receitas 112,640 milhões
Fundação 1983
Número de Lojas 1200



THE KROGER CO
País EUA
Receitas 108,465 milhões
Fundação 1883
Número de Lojas 2.778

“Coisas pequenas estão a fazer-nos gastar as divisas do país, para importar coisas que, em pleno século XXI, podiam ser feitas cá.”



origem. Nenhum empresário, na área da distribuição, tem interesse em importar. Se nós conseguíssemos comprar tudo em Angola, era o ideal. O problema é que não há.

Em Angola, a distribuição não está a influenciar a produção?

É mais outra questão que tem que ver com o país e as políticas existentes. O empresário, na área do comércio, normalmente o que pretende é ganhar dinheiro, ter resultados, como qualquer empresa. Se consegue ir importar, vender e ganhar dinheiro e volta a importar, é muito mais atractivo do que quem quer fazer produção nacional, onde não há energia nem água. Tem dificuldades com os próprios transportes, porque as estradas estão más e ainda tem de importar insumos de produção. Tem de haver políticas de subsídios e, fundamen-

talmente, o Estado tem de fazer uma coisa que até ainda não fez: criar a indústria de suporte. Não é possível um país desenvolver-se na agricultura se não produz adubos e fertilizantes. Um país que não produz químicos para a agricultura. Não produz sementes para agricultura. E depois, o básico, a nível de equipamento. Não há nenhuma metalomecânica, que faça uma grade, discos ou uma charrua. Estas coisas pequenas estão a fazer-nos gastar dinheiro, as divisas do país para importar coisas que, em pleno século XXI, podiam ser feitas cá. O próprio Governo por que razão não estimula isso? Se não consegue parceiros no ocidente, os chineses têm isso. Estamos a falar de coisas básicas.

O Governo é que tem de fazer isso? Isso é da responsabilidade do

Governo, mas não podem ser empresas públicas. Esta é outra exigência que temos de fazer. As empresas públicas são displicentes, criam prejuízos. A inércia é muito grande, porque há uma grande diferença entre o gestor de uma empresa privada que vai para casa a pensar num problema da empresa que tem de resolver, porque o patrão é exigente, ou é um empresário que tem de pagar a dívida com banco, e um gestor público que, quando chega a casa, desliga o telefone, porque não está preocupado. Se as coisas correrem mal, mesmo assim o salário está garantido e o patrão não exige, porque o Estado exige pouco. Então o sector privado tem de intervir, o Estado tem de fomentar, naquilo que é estrutural e que precisa de investimentos significativos. Não se pode fazer a agricultura com todos os

insumos importados. Até sementes de milho estamos a importar da Zâmbia.

Quanto vale a distribuição em Angola?

Estes dados existem. Não tenho o número exacto agora. Mas os números andam muito próximo dos 12 mil milhões de dólares anuais, em termos de mercado, a nível da importação.

E quais considera os desafios concretos deste sector?

Se quisermos olhar para o quadro actual da nossa economia, temos de, forçosamente, admitir que trabalhar no nosso país é muito difícil. No nosso caso, do supermercado Mangolê, temos cerca de 17 anos, na actividade empresarial, com a Cabire. O que sentimos é que os apoios, a nível da banca, são muito incipientes.

As empresas públicas são displicentes, criam prejuízos. Um gestor público quando chega em casa desliga o telefone, porque não está preocupado. Porque o Estado exige pouco

O que nós sentimos é que os apoios, a nível da banca, são muito incipientes. Portanto, não são relevantes. É muito difícil negociar com os bancos.

tes, não são relevantes. É muito difícil negociar com os bancos. Os bancos hoje vivem dificuldades muito grandes de liquidez, por isso têm muitas dificuldades de financiar projectos.

Mas, em termos gerais, os bancos continuam a afirmar que concedem créditos...

Há bancos que dizem que fazem, mas não é totalmente verdade. Alguns bancos financiam projectos, prioritariamente dos seus accionistas, o que também dificulta o processo. Os bancos deviam actuar no mercado, de uma forma mais isenta, mas não o fazem. Os bancos hoje são muito ligados a grupos económicos. Portanto, é muito natural que alguns dos seus accionistas consigam facilidades em relação a nós empresários que não estamos ligados à banca e isso dificulta muito o crescimento do país.

E o 'Angola Investe'?

Este é um programa que nasceu bem. Parece-me ser uma boa iniciativa do Governo, em termos de ajudar a alavancar o desenvolvimento do país, mas a verdade é que o Angola Investe hoje está moribundo, mais uma vez. A gente faz todo um processo para se candidatar e, os bancos não financiam, porque alegam que a compensação ou o fundo de garantia que o Governo dá não é suficiente para as pretensões dos bancos. Temos um caso recente. Dos 5% que devia pagar ao banco, o banco pediu-nos 21,5%. Claro que não conseguimos fechar o acordo com o banco e o processo não foi avante, logo não houve financiamento. Portanto, a banca hoje não faz o papel que devia fazer. Os bancos conseguem financiar a seis meses uma linha para um determinado empresário importar, vender e pagar ao banco. O risco do banco é menor, fundamentalmente, pelo curto espaço, porque o banco financia e depois de seis meses recebe, de volta, o dinheiro. Na distribuição, o crédito vai acontecendo sim, mas só na óptica de compra e venda, ou seja, da importação, do comércio puro.



SCHWARZ KG
País Alemanha
Receitas 102,694 milhões
Fundação 1930
Número de Lojas 9.900



TESCO PLC
País Reino Unido
Receitas 99,713 milhões
Fundação 1929
Número de Lojas 2000



CARREFOUR S.A.
País França
Receitas 98,497 milhões
Fundação 1960
Número de Lojas 10 mil



ALDI E. H. & CO. OHG
País Alemanha
Receitas 86,470 milhões
Fundação 1913
Número de Lojas 10 mil



METRO AG
País Alemanha
Receitas 85,570 milhões
Fundação 1964
Número de Lojas 2.200



THE HOME DEPOT INC
País Reino Unido
Receitas 83,176 milhões
Fundação 1978
Número de Lojas 2.248



WALGREEN CO
País EUA
Receitas 76,392 176 milhões
Fundação 1901
Número de Lojas 8.177

Economia/Política

GOVERNO PREPARA ELEIÇÕES GERAIS DE 2017

Registo eleitoral oficioso consome mais de 57 mil milhões de kwanzas



ELEIÇÕES. Processo de registo arrancou oficialmente na passada quinta-feira, 25, no Palácio da Justiça, em Luanda, e tem o seu fim previsto para a segunda quinzena de Maio de 2017.

Por António Nogueira

O Plano Estratégico do Registo Eleitoral Oficioso 2016-2017, aprovado no ano passado, deverá implicar um orçamento calculado em cerca de 57,8 mil milhões de kwanzas.

O documento prevê igualmente o registo de cerca de 1,5 milhões de novos eleitores, a mobilização de meios técnicos e logísticos e entre 3,5 mil a quatro mil agentes a colocar em todas as administrações municipais e comunais,

Do montante global aprovado, cerca de 42,4 milhões de kwanzas deverão ser 'consumidos' no decurso do presente ano, enquanto o restante, calculado em aproximadamente 15,3 mil milhões servirão para acudir as despesas referentes ao ano de 2017, segundo indica o Plano Estratégico do Registo Eleitoral Oficioso.

Em termos concretos, o registo

eleitoral oficioso deverá 'consumir', só no capítulo das despesas correntes, cerca de 45,8 mil milhões de kwanzas no biénio 2016-2017. Para o mesmo período, os gastos com o pessoal estão estimados em aproximadamente 5 mil milhões de kwanzas, sendo que os chefes de brigada, concretamente, serão remunerados com 75 mil kwanzas mensais e os brigadistas com 65 mil kwanzas.

No capítulo dos serviços, o processo deverá consumir em combustíveis e lubrificantes cerca de 228 milhões de kwanzas. Outras despesas em destaque estão relacionadas com os serviços de telecomunicações que superam os 2 mil milhões de kwanzas; saúde 1,7 mil milhões; serviços de ensino e formação 1,3 mil milhões e transporte de pessoas e bens estimado em 4,3 mil milhões de kwanzas.

O processo, que arrancou oficialmente na passada quinta-feira, conta com um cronograma de tarefas que se estende até a segunda quinzena de 2017. Desde Janeiro foram já consumidas algumas acções, nomeadamente a aquisição dos meios técnicos,

logísticos e tecnológicos necessários ao processo. Entre o primeiro mês do ano e Abril, foi já possível executar, no quadro do mesmo processo, o recrutamento e formação de brigadistas; o lançamento da campanha e mobilização e educação cívica, em Março.

Entre Maio deste ano e Abril de 2017, o processo prevê ainda a actualização do registo eleitoral (introdução, correcção e actualização dos dados), estimando-se também que entre Abril e Maio do próximo ano, ocorra o processo de recolha, consolidação e correcção dos dados, sendo que, na segunda quinzena de Maio de 2017, deverá ocorrer a entrega dos dados finais à Comissão Nacional Eleitoral.

MAIS DE MIL POLÍCIAS MOBILIZADOS

O plano, que vem anexado ao Decreto Presidencial n.º 231/15, de 30 de Dezembro, conta com a mobilização de mais de 1.700 efectivos da Polícia Nacional e cerca de 600 representantes das autoridades tradicionais, por um período não inferior a 11 meses de serviço efectivo.

O registo eleitoral oficioso tem por objectivo registar, oficiosamente, através da interoperabilidade entre a base de dados dos cidadãos maiores e a base de dados de identificação civil, todos os cidadãos maiores possuidores de Bilhete de Identidade, permitindo a sua posterior inserção pela Comissão Nacional Eleitoral nos cadernos eleitorais.

Entre as principais motivações

para a actualização do Registo Eleitoral Oficioso, o Plano Estratégico aponta o facto de se estimar que entre 1,5 milhões e dois milhões de cidadãos maiores terão alterado a sua residência, além de os dados de residência constantes dos Bilhetes de Identidade dos cidadãos não estarem actualizados. Outras motivações são os factos de a BDIC não proceder à actualização de cidadãos falecidos e o FICRE (Ficheiro Informático Central do Registo Eleitoral) não ter qualquer registo de cidadãos nascidos após 1994. Por outro lado, segundo ainda o Plano Estratégico, nem o Base de Dados de Identificação

Civil nem o FICRE estão actualizados quanto aos óbitos dos cidadãos, estimando-se entre um e 1,5 milhão de falecidos na Base de Dados, além de existir uma quantidade considerável de registos efectuados sem Bilhete de Identidade mas com recurso a prova testemunhal (aproximadamente 65% dos eleitores).

Em 2008, o registo eleitoral permitiu registar 8.256.584 eleitores. Destes, participaram do acto eleitoral 7.213.281 (87,36%) e abstiveram-se 1.043.303.

Para as eleições de 2012, foi desencadeado um processo de registo de novos eleitores e a actualização geral dos dados, tendo a base de dados atingido 9.757.671 eleitores, dos quais participaram apenas 6.124.669 (62,76%) e abstiveram-se 3.633.002 (37,24%).

CONSTRANGIMENTOS

O Plano destaca também algumas preocupações que, entretanto, terão de ser dirimidas pela comissão organizadora. Entre os principais constrangimentos, estima-se que entre 1,5 milhões a 2 milhões de cidadãos maiores terão alterado a sua residência até 2017.

O documento realça igualmente que a base de dados da identificação civil possui o registo de mais de 6 milhões de cidadãos maiores, atingindo 90% do total dos cidadãos possuidores de bilhete de identidade, dos quais estima-se que mais de 800 mil não tenham registo no ficheiro central do registo eleitoral.

75

Mil kwanzas é a remuneração mensal prevista para os chefes de brigadas eleitorais.

RESUMO DAS DESPESAS





O INSTITUTO NACIONAL de Pequenas e Médias Empresas (INAPEM) atribuiu, este ano, capacitação a 60 mil empresas públicas e privadas nos ramos da agricultura, indústria e empreendedorismo, em todo país, revelou o director nacional, Samora Kitumba.



MAIS DE 40 MIL EMPRESAS, entre públicas e privadas, micros, pequenas e médias, foram reconhecidas, nos últimos dois anos, pelo Instituto Angolano da Propriedade Industrial (IAPI), na Huíla.

MAIS UM FINANCIAMENTO DE 163,5 MILHÕES USD

Empresas chinesas ‘de pedra e cal’ nas estradas

INFRA-ESTRUTURAS. Várias vezes criticadas pela baixa qualidade das obras que executam, as empresas chinesas mantêm o domínio do negócio da construção das estradas. Justificação: o dinheiro vem da China.

Por José Zangui

dor daquela província, Norberto dos Santos.

Dados do Instituto Nacional de Estradas (INEA) indicam que, dos 12 mil quilómetros de estradas asfaltadas até 2015, cerca de 1.200 (10%) estão degradados.

Há quem defenda que existem vários factores que contribuem para que isto aconteça, entre os quais o elevado número de usuários, sendo, entretanto, determinante o uso de material inadequado.

O autor do livro sobre a “Fiscalização de Obras”, o engenheiro e professor universitário António Venâncio, acha que algumas infra-estruturas devem ser feitas pelos próprios angolanos, em vez dos chineses, cujas obras são tidas como de “qualidade duvidosa”. Venâncio lembra que “as obras de má qualidade provocam danos financeiros”, pelo que “o Estado deveria exigir mais rigor na fiscalização”.

O tempo de vida útil das estradas, com a manutenção no nível adequado, varia de 15 a 25 anos, como calcula o director do INEA, António Resende, para quem a chuva influencia muito no comportamento das mesmas. Mas o factor “decisivo” para a degradação das estradas é a falta de programas de manutenção ininterruptos, conforme apontou Resende, em declarações à imprensa em Janeiro.



Mário Mujetes © VE

MEMORIZE

- EM ANGOLA o período de garantia das obras era de dois anos mas agora passou para cinco, no quadro da Lei da Contratação Pública.

600

Mil dólares, custo de construção de um quilómetro de estrada

MAIS ‘ESTRADAS CHINESAS’ Apesar de todas as críticas apontadas à baixa qualidade das ‘obras chinesas’, mais uma vez, empresas do ‘gigante’ asiático são chamadas para a reabilitação das estradas degradadas. No caso da empreitada para três províncias, nomeadamente Malanje, Kwanza-Norte e Kwanza-Sul, para qual foi chamada a empresa SinoHidro Group. A justificação está na origem dos fundos. As primeiras três obras, avaliadas em 127, 7 milhões de dólares, serão executadas, no âmbito de uma linha de crédito da China, de 163,5 milhões de dólares para cinco projectos, de acordo com um decreto presidencial.

Em declarações recentes ao VALOR, o chefe de Departamento de Arrecadação de Receitas da Administração Geral Tributária (AGT), Sebastião Joaquim, calculou que “as estradas custam caro ao Estado e o valor das taxas de circulação, cobrado em cada ano, cobre apenas 1% do que é aplicado na construção de estradas principais”.

Um quilómetro de construção de estrada principal tem um custo mínimo de 600 mil dólares, ao passo que a secundária pode variar entre 300 e 400 mil dólares. As estradas terciárias custam, em média, cerca de 250 mil dólares por quilómetro.

PROGRAMA ATRASADO

Dos mais de 51 mil quilómetros de estrada, apenas 5.349 foram asfaltados nos últimos 12 anos, de acordo com dados oficiais.

No Kwanza-Sul, as estradas que ligam a Gabela, Conda, Ebo, Quibala-Mussende, Cela, Porto Amboim e Sumbe estão todas partidas. A estrada nacional 230, que liga Luanda ao Kwanza-Norte, Malanje, Lundas Norte e Sul, tem o mesmo problema.

O programa de conservação de estradas, aprovado em 2012, ainda não foi implementado por “falta de dinheiro”. Apenas este ano poderá arrancar com a adjudicação de cinco obras públicas, avaliadas em 163, 5 milhões de dólares.

As obras de empresas chinesas têm sido muito criticadas, sobretudo pela sua baixa qualidade. Muitas estradas construídas por empresas chinesas, por exemplo, apresentam fissuras, em pouco menos de dez anos, quando, de acordo com especialistas, o tempo de duração de uma estrada varia entre os 15 e os 25 anos.

O troço Luanda/Dondo, reabilitado há pouco menos de 10 anos, é um entre inúmeros que se encontram degradadas. Com duas faixas de rodagem, as viaturas, tanto no sentido ascendente como descendente, circulam em apenas uma faixa. Em algumas áreas, o asfalto desapareceu. Em elevado estado de degradação, entre várias reabilitadas por empresas chinesas, está também a via Luanda/Benguela, ou a via da sede de Malanje para os outros municípios, como admitiu, ao VALOR, o governa-

Economia/Política

MAIS VÍTIMAS DA CRISE DE DIVISAS

Satec e Alassola ‘travadas’ por falta de matéria-prima

INDÚSTRIA TÊXTIL. Falta de algodão e produtos químicos determinam adiamento, mais uma vez, do arranque da Satec e Alassola. Nova previsão é Setembro próximo.

Por José Zangui

Das três unidades têxteis, Textang II, em Luanda, Satec, no Kwanza-Norte, e Alassola, em Benguela, que, em Março deste ano, anunciaram o arranque para Julho passado, apenas a primeira cumpriu o prazo. As outras não avançaram por falta de matéria-prima, segundo adiantou ao VALOR, o administrador da Satec, Salvador Cardoso.

“A falta de algodão e de alguns produtos químicos adiaram mais uma vez o arranque da Satec e da Alassola”, precisou o gestor que aponta finais de Setembro como a nova previsão para o arranque das duas unidades. “Foram feitas encomendas, mas, até agora não entram, pelas dificuldades de importação”, esclareceu Salvador Cardoso.

Esta não é, entretanto, a primeira vez que se avançam datas e

que não são cumpridas. A fábrica de Benguela, por exemplo, inicialmente tinha o arranque previsto para 2015, mas foi adiado para Julho deste ano e agora para Setembro.

As três unidades foram financiadas por uma linha de financiamento do Banco de Cooperação Internacional do Japão, sendo 410 milhões de dólares para a Satec, 235 milhões para Textang II, e 480 milhões de dólares para a Alassola. O Governo intermediou a operação que pretende “revitalizar” uma indústria que ficou paralisada por mais de 15 anos.

Há três meses, os presidentes dos conselhos de administração das unidades fabris já haviam colocado, no topo da lista de dificuldades, a aquisição da matéria-prima. As três unidades vão depender em 100% das importações, já que os projectos de produção de algodão em grande escala, no país, ainda não saíram do papel. Mas alguns produtos químicos para a decoração de tecidos também condicionam o arranque.

A SATEC prevê empegar 1500 pessoas e, na luta por uma vaga,

MEMORIZE

- Há três meses, os presidentes dos conselhos de administração das unidades fabris já haviam colocado, no topo da lista de dificuldades, a aquisição da matéria-prima.

100

É a percentagem de importação de algodão necessária para o funcionamento das três unidades têxteis do país.



Santos Samuessa © ALE

há os oportunistas. Fora do circuito normal, há quem cobre entre 30 e 50 mil kwanzas por uma vaga, de acordo com vários relatos que chegaram ao VALOR, no Kwanza-Norte. O administrador da empresa, Salvador Cardoso, afirma desconhecer este circuito.

ESPERANÇA NO KWANZA-SUL
É na província do Kwanza-Sul onde vai ser feito o maior investimento de cultivo de algodão, a partir de Janeiro de 2017, com uma primeira colheita de 5.648 toneladas de algodão de caroço.

O projecto foi financiado pelos governos de Angola, através do Ministério da Agricultura, e da Coreia do Sul, através de uma linha de crédito, estando orçado em mais de 66,9 milhões de dólares.

Os dois governos contribuirão em partes iguais para o financiamento do projecto que conta com uma área de cultivo de cinco mil hectares.

O algodão produzido constituirá a matéria-prima da indústria têxtil do país. Mas, enquanto os resultados não chegam, a solução será a importação.

Mais espaço fiscal à despesa de investimento

O ministro das Finanças, Armando Manuel, justificou, sexta-feira, em Luanda, que o Executivo decidiu rever nesta altura do ano o OGE-2016, devido ao ajustamento do preço do petróleo no mercado internacional e à correcção da receita não petrolífera.

Outras das razões para a revisão do OGE 2016, segundo o ministro das Finanças, “foi o de conferir mais espaço fiscal à despesa do investimento, rubrica que naturalmente gera frutos, alterando a situação estrutural da economia nos períodos vindouros”.

Fazenda ‘Vinevala’ vai produzir açúcar

A fazenda ‘Vinevala’, no Bié, prepara-se para iniciar a produção do arroz e da cana-de-açúcar, durante a campanha agrícola que arranca em Setembro.

Alfeu Vinevala, responsável da fazenda, afirmou que já estão preparados mais dois hectares de terra para a produção experi-

mental do arroz e da cana-de-açúcar. Para garantir a produção da cana-de-açúcar, foi já adquirida semente de cana branca. A fazenda é Vinevala é conhecida pela produção de batata rena, mas tem também, entre as principais apostas para a campanha agrícola 2016/2017, a produção de trigo.

VEJA O PRIMEIRO GRANDE
CLÁSSICO PORTUGUÊS DA
TEMPORADA 2016/17.

zap
A minha TV



SPORTING

VS



FC PORTO



LIGA NOS

DOMINGO, 28 AGOSTO
ÀS 18:00

SPORT-TV ÁFRICA

Canais 20 SD | 21 HD

O MELHOR QUE HÁ É NA ZAP QUE DÁ.



LIGUE
935 555 500

apoio.cliente@zap.co.ao
Todos os dias, incluindo feriados,
das 7:00 às 24:00

Visite-nos em www.zap.co.ao e siga-nos



Mercado & Finanças

SONANGOL ASSUME 100% DOS ACTIVOS

Maersk Oil ‘salta’ do bloco 23

PETRÓLEO. A empresa nórdica Maersk Oil, que detinha 80% do campo petrolífero, desistiu porque o campo “é de difícil produção e não é rentável.”

Por Cândido Mendes

Um decreto do Ministério dos Petróleos autoriza a mudança de operador do Bloco 23 da Maersk Oil Angola AS para a Sonangol Pesquisa & Produção, após a empresa dinamarquesa, anterior detentora da função de 80% de activos, ter renunciado.

A petrolífera pública vai passar assim a exercer a função “com efeitos retroactivos”, a contar de 1 de Novembro de 2014, segundo o Diário da República nº 142, de 24 de Agosto do corrente ano.

Entre observadores, a desistência da Maersk levanta, entretanto, algu-

mas curiosidades, relacionadas com o ‘timing’ dos anúncios e os eventos a que se referem.

O VALOR apurou, por exemplo, que um decreto do Ministério dos Petróleos, de 6 de Maio, dá conta de que a Maersk Oil havia comprado 30% das participações detidas pela Svenska Petroleum Exploracion AB no mesmo bloco, aumentado para 80% a sua participação, ao passo que os restantes 20% são detidos pela Sonangol.

Um outro decreto, de 9 de Maio, anunciava já a cedência dos mesmos 80% da Maersk à Sonangol, por desistência do primeiro. Ambos os decretos foram publicados no mesmo Diário, a 13 de Maio.

O Ministério dos Petróleos contava a data da entrada em vigor dos três eventos (passagem de 30% da Svenska para Maersk, desistência desta, e a ‘luz verde’ à cedência à Sonangol) “com efeitos retroactivos” para Novembro de 2014.



20%

Valor percentual do activo que a Sonangol possuía no bloco 23, antes de assumir os 100%, por força do decreto agora divulgado. .

80

Percentual do total da participação que a Maersk Oil detinha no bloco 23

Um observador internacional a quem o VE mostrou os diários comenta que os anúncios do Governo, publicados no Diário de República, “dão uma impressão enganosa sobre os ‘timings’, se não a substância das acções da Maersk no país.”

A própria Maersk Oil afirmou simplesmente que a empresa “abdicou do Bloco 23 há quase um ano”, segundo uma fonte, contactada a partir da Dinamarca, que não avançou mais detalhes, depois de solicitar o anonimato.

Para José Oliveira, especialista em petróleo, da Universidade Católica de Angola, os dinamarqueses desistiram do campo porque “não é rentável”.

“Sabe-se que a Maersk há muito se tinha desinteressado do Bloco 23, pois a descoberta que lá foi feita é difícil de pôr em produção com rentabilidade económica, mesmo com preços elevados do petróleo”, analisa, em declarações por email. “Só com mais uma ou duas descobertas é que será possível que

este bloco venha a produzir petróleo”, indica.

A passagem do campo para a Sonangol parece ser uma “estratégia”, que vai permitir a petrolífera pública procurar outras parcerias para, em conjunto, suportarem os custos de futura pesquisa no bloco, à busca de mais petróleo. “Pois só assim o campo pode tornar-se rentável”, acrescentou José Oliveira.

Mas, ao que a situação do mercado indica, a “estratégia” da Sonangol poderá ter de esperar por algum tempo, já que, com os preços de crude em baixa, várias empresas petrolíferas internacionais, a operar em solo angolano, manifestaram falta de ‘apetite’ para novos investimentos e que o foco de momento se resume em cortes de custos.

A própria Sonangol, na voz da sua PCA, Isabel dos Santos, já determinou que a prioridade da empresa não seria “necessariamente” procurar novos poços, mas rentabilizar os existentes.

AO FMI E AO BANCO MUNDIAL

Bancos africanos pedem apoio

Os governadores dos bancos centrais africanos junto do FMI e Banco Mundial solicitaram, das organizações de Bretton Woods, apoios para enfrentar choques e aumentar a resiliência dos países para impulsionar o crescimento económico, de acordo

com a declaração de Cotonou.

O assunto foi um dos pontos da declaração de Cotonou, cidade onde decorreu o Caucus Africano 2016. O corpo de governadores – que inclui responsáveis dos ministérios das Finanças, Planeamento e

bancos centrais – solicitam que, “no âmbito da Conta de Recursos Gerais, o FMI estabeleça uma facilidade adoptada às necessidades peculiares dos exportadores de matérias-primas pois continuam sujeitos a choques nos preços”.

Angola foi representada pelo secretário de Estado do Tesouro, João Quipipa, que defendeu “a determinação dos países em manter os programas de desenvolvimento que foram largamente afectados pela queda dos preços das matérias-primas”.

“A nossa curva de crescimento não deve abrandar”, defendeu o governante, adiantando também a

“necessária assistência técnica para a mobilização de recursos internos e o combate aos fluxos ilícitos”.

O Acordo de Cotonou tem como principais objectivos a redução da pobreza e, a prazo, a sua erradicação e a integração progressiva dos Estados de África, das Caraíbas e do Pacífico (ACP) na economia mundial, em consonância com os objectivos de desenvolvimento sustentável.



A MICROCAPITAL - Sociedade Microcrédito – foi distinguida pela Business Initiative Directions (BID) com o prémio ‘World Commitment’ (WQC), na Categoria Ouro, de acordo com uma nota da instituição financeira.



UMA PALESTRA sobre gestão de finanças pessoais foi realizada, na semana passada, no Chitembo, Bié, por iniciativa da direcção regional do Banco Nacional de Angola (BNA).

OPERAÇÕES ‘COM PROBLEMAS’ HÁ MAIS DE TRÊS SEMANAS

Transferências interbancárias ‘complicadas’ no BPC

BANCA. Suposta avaria no aplicativo de transferências interbancárias do BPC está a atrasar, há mais de três semanas, o envio de dinheiro para outras entidades bancárias. Quem transfere lamenta, quem espera queixa-se. Consultor independente fala em problemas de tesouraria no banco.

Por Nelson Rodrigues

Vários relatos de clientes chegados ao VALOR, na última semana, indicam que o Banco de Poupança e Crédito (BPC) está com “muitas dificuldades” em realizar transferências interbancárias, há mais de três semanas, por uma alegada “avaría no sistema de transferências” do banco.

Segundo as informações de vários clientes, as dificuldades são reconhecidas nos balcões, onde os operadores dão conta de sucessivos “erros sempre que tentam executar as operações de transferência.”

O jornal tentou várias vezes o contacto com o gabinete de comunicação institucional do banco, sem sucesso. No entanto, gestores de algumas agências do banco público consultados pelo VALOR confirmaram as reclamações dos clientes. “Isto está a acontecer há mais de três semanas em muitas agências. As transferências não saem. Sempre que tentamos, dá o código de erro e a área técnica diz apenas que devemos continuar a tentar”, confirma um gestor que falou sob anonimato. “Mas isto só acontece quando é para sair dinheiro, não temos tido problemas em receber

transferências”, acrescenta outro responsável de um agência do BPC.

Com esta situação, há quem já esteja agastado. É o caso de Avelino Sebastião (nome fictício) cliente do BIC que, ao VALOR, diz estar à espera de uma transferência do BPC, mas a operação não se concretiza há mais de duas semanas, quando devia estar concluída, pelo menos, em 48 horas, conforme é comum nos bancos.

Apesar de o BPC não emitir ainda esclarecimento formal sobre as dificuldades com as transferências interbancárias, o consultor financeiro Galvão Branco olha para o caso como “mais um problema de falta de cédulas” do que “propriamente avaria nos aplicativos” a julgar pelo histórico do banco e pela actual situação económica do país. “Não me parece que seja mesmo um problema nos aplicativos. Pode até ser, mas não é por isso que há reclamações. Porque o banco tem outros mecanismos para



BPC com dificuldades para proceder a transferências.

transferir dinheiro para uma conta de outro banco, sem ser necessário haver movimentação de cédulas. O cliente só se queixa quando é ‘dinheiro vivo’ que ele quer ter em mão”, comenta o consultor financeiro e dono da GB-Consultores.

Várias agências do BPC estiveram, entre Maio e Junho, com escassez de liquidez. Ou seja, os clientes tinham dificuldades em movimentar as suas contas, dada a falta de

dinheiro que se podia assistir, em Luanda, em várias agências do banco de capitais públicos.

No período, dois altos funcionários do banco liderado por Paixão Júnior justificaram com “excessos nos levantamentos” de depósitos pelos clientes e com “atrasos nas cedências de liquidez” pelo Banco Nacional de Angola (BNA), como justificações para a escassez de liquidez no banco.

Alternativas para transferências

As operações de transferências interbancárias não são exclusivas dos balcões. Actualmente, existem vários canais electrónicos para fazer movimentar dinheiro de uma conta para outra de banco diferente. São os casos das redes de ATM, acrónimo inglês de Automated Teller Machine, também designados ‘Multicaixas’, o mecanismo que foi aconselhado pelos vários gestores ouvidos pelo VALOR. “As transferências pelo multicaixa funcionaram normalmente. O problema,

pelo menos até hoje (sexta-feira, 25), é mesmo das operações a partir dos balcões”, concordam os técnicos do banco de capitais públicos, consultado por este jornal.

No Multicaixa, o tempo máximo para a concretização de uma transferência entre contas do mesmo banco é de 48 horas, podendo ser mais quando a operação é realizada em terminais de pagamentos automáticos para contas de diferentes instituições bancárias.



A PARTIR DESTE ANO

Holding controla Finibanco Angola

As acções do Finibanco – 14.º banco angolano no ranking de activos – passam a estar controladas, até ao final do ano, por uma holding formada pelo grupo Montepio, Fundo de Investimento da Noruega e o holandês RaboBank, de acordo com fonte do grupo português Montepio, citada pelo Diário Económico.

De acordo com a notícia, a estratégia passa por concentrar as acções em África dos três grupos interessados no negócio – Norfund, FMO RaboBank e o Montepio – através do FiniBanco, em Angola, e o Banco Terra, em Moçambique. A nova entidade será designada por ‘Arise’ e vai ter presença em 20 países africanos.

O grupo português Montepio pretende transferir os 51% das participações no banco angolano, para a Arise, e os 44,5% de capital social que detém no Banco Terra. “Todos os participantes detêm actualmente participações em entidades financeiras e prestadores de serviços financeiros na África Subsariana e acordaram juntar tudo numa única sociedade”, esclarece a notícia.

Para o novo grupo, o objectivo passa ainda por “consolidar o compromisso de longo prazo no futuro desenvolvimento de África, no potencial de crescimento e no sector financeiro local”, conforme um documento do Montepio datado de 2 de Agosto.

Depois da ‘fusão’, a Arise terá uma presença inicial em 20 países e um total de 660 milhões de dólares dos EUA de activos, que, segundo os accionistas, deverão crescer até mil milhões de dólares.

Mercado & Finanças

MOTIVADO POR FRACA ACTIVIDADE ECONÓMICA

Dinheiro em circulação baixou 8,8% no primeiro semestre

AGREGADOS MONETÁRIOS. Banco Nacional de Angola justifica redução na quantidade de notas e moedas em poder do público com aumento da taxa da facilidade de absorção de liquidez e fraca actividade económica nacional. Situação também explica escassez de dinheiros nos bancos comerciais.



Dinheiro na posse das famílias e demais agentes económicos baixa em 8,8%.

Por Nelson Rodrigues

A quantidade de notas e moedas em poder do público registou, de Janeiro a Junho deste ano, uma queda de 8,8%, motivado por “fraca actividade económica” e pelo aumento da taxa da facilidade de absorção de liquidez, de acordo com os dados preliminares das contas monetárias do banco central, expressos no relatório de fundamentação do OGE-revisto 2016.

A redução do dinheiro em circulação – também designado por M1 – é justificada com a necessidade de “manutenção de estabilidade de preços”, com o ajustamento das taxas directoras do Banco Nacional de Angola (BNA), designadamente a ‘Taxa BNA’ (de 12% para 16%), a de facilidade de cedência de liquidez (de 14% para 20%) e a da facilidade de absorção de

liquidez, de 2,25% para 7,25%.

“O aumento da taxa da facilidade de absorção de liquidez a sete dias, de 2,25% para 7,25%, tendo alcançado uma favorável adesão por parte do sistema bancário, contribuiu para enxugar liquidez significativa no mercado”, lê-se no relatório de fundamentação do OGE-revisto 2016.

Estas medidas do Comité de Política Monetária do BNA explicam, em parte, o ‘enxugamento’ da liquidez a que se assiste nos bancos comerciais. É o caso do BPC que, por várias semanas, entre Maio e Junho, viu muitas das suas agências sem capacidade de respostas aos pedidos de clientes.

O documento não apresenta, para a quantidade de notas e moedas em poder do público, o montante real do referido período, limitando-se a balancear a evolução do valor em termos de percentagens.

Para a base monetária restrita (em moeda nacional) – que inclui a quantidade de dinheiro na economia e as reservas dos bancos comerciais junto do BNA – as estatísticas contabilizam 1.556.386,77 milhões de kwanzas,

correspondendo a uma expansão de 3,79%, face às estimativas de expansão para o semestre.

Segundo o relatório de fundamentação, a expansão da base monetária restrita em moeda nacional foi motivada “essencialmente pela expansão dos activos externos líquidos em moeda nacional”, em cerca

de 20,57%, decorrente do efeito da depreciação cambial que “induziu a um aumento das suas componentes denominadas em kwanzas”.

Já os activos externos líquidos do BNA, em dólares, diminuíram em 1,65%, “fruto da diminuição das Reservas Internacionais Líquidas em 1,22%, devido a uma magnitude de saída de recursos superiores às entradas, sobretudo à venda de divisas”.

RESERVAS EM 24 MIL MILHÕES USD

Até 31 de Março deste ano, as Reservas Internacionais Líquidas (RIL) de Angola ficaram avaliadas em 24.550,8 milhões de dólares, a segunda mais baixa entre cinco países africanos exportadores de petróleo, de acordo com um ‘ranking’ elaborado pelo VALOR com base nas estatísticas monetárias dos bancos centrais de cada país e dados do Banco Mundial.

CRÉDITO EXPANDE

De acordo com o relatório de fundamentação do OGE-revisto, o crédito

1,5

Bilhões de Kwanzas corresponde ao total de dinheiro na economia e reservas dos bancos comerciais no BNA.

a outros sectores residentes (crédito à Economia) evoluiu em cerca de 9,5%. Um avanço que, segundo o BNA, “poderá estar associado à depreciação da taxa de câmbio, tendo em conta que, no agregado do crédito bancário, o crédito em moeda estrangeira é denominado em kwanzas”.

Se, em termos contabilísticos, houve evolução do crédito, o quadro inverte quando é analisado em termos reais. Segundo o BNA, retirando o efeito da inflação (21,74%), o crédito à economia contrai em 10,05%, “podendo deduzir-se que houve alguma retracção na concessão do crédito por parte dos bancos, o que poderá afectar o crescimento do PIB”.

ESTATÍSTICA MONETÁRIA ATÉ MARÇO DE 2016

● Janeiro

RIL - 3.817.848 milhões Kz

Outros Activos - 83.807 milhões Kz

● Fevereiro

RIL - 3.796.808 milhões Kz

Outros Activos - 84.476 milhões Kz

● Março

RIL - 3.879.840 milhões Kz

Outros Activos - 84.326 milhões Kz

ERRATA

No texto da edição passada que fazia referência a dívidas da Sonangol (na página 16), escrevemos erradamente que o auditor Ernest & Young indicou que não foi possível realizar procedimentos de auditoria suficientes e apropriados com relação a activos não correntes no montante de 29.703 milhões de dólares, quando, na verdade, se trata de 29.703 milhões de kwanzas. Aos visados e aos nossos leitores pedimos as devidas desculpas pela lamentável imprecisão.



O DELEGADO provincial das Finanças no Cunene, César Lucas, alertou aos contribuintes locais para o “cumprimento pontual das obrigações fiscais” por parte dos contribuintes para evitar o recurso à multa.



O PETRÓLEO BRENT, referência para as exportações angolanas, para entrega em Outubro, abriu, no fim da semana passada, ao preço de 49,6 dólares, no mercado de Londres, de acordo com a última evolução.

DECISÃO DO MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

Taxa de juro dos créditos do BDA desvinculados do luibor e do dólar

MERCADOS. Nova metodologia “vai reflectir a realidade económica nacional nas operações de financiamento”, segundo justificações oficiais.



Por Cândido Mendes

americano “passando-se assim a reflectir nas operações de financiamento, a realidade económica nacional”, segundo o decreto das Finanças, publicado em diário da República de 24 de Agosto.

A taxa libor (do Inglês London Interbank Offered Rate) é uma taxa média de juros indicativa contra a qual um grupo representativo de bancos comerciais efectua empréstimos sem garantias entre si no mercado monetário de Londres. Já a taxa luibor, adaptada do libor para indicar Luanda, foi instituída pelo Banco Nacional de Angola, durante o consulado do então governador de José de Lima Massano.

Criado formalmente em 2006, o BDA é a instituição financeira pública com vocação para a concessão de créditos de desenvolvimento, cujos recursos lhe são cabimentados através do Fundo Nacional de Desenvolvimento (FND). Entretanto, o BDA viu

as portas abertas para captar recursos fora do FND.

Nas novas ‘instruções’ determinadas pela ‘casa’ de Armando Manuel, o Ministério das Finanças exige tanto do BDA como do Tesouro Nacional a “necessidade do reforço de medidas de mitigação do risco com vista à captação de recursos em moeda nacional e em moeda estrangeira, contribuindo, assim, para uma maior diversificação dos recursos disponibilizados para crédito”.

Em termos práticos, a nova metodologia determina que, para os créditos indexados desembolsados até 31 de Agosto de 2014, o BDA deve fixar o capital em dívida em moeda nacional pela taxa de câmbios daquela altura (2014); enquanto para os créditos desembolsados depois da data mencionada, a indexação do capital em dívida será a referente às taxas de câmbios das datas dos desembolsos efectuados.

O Ministério das Finanças aprovou uma medida que visa desanexar a taxa Luibor dos juros aplicáveis às operações de crédito, concedidas pelo Banco de Desenvolvimento de Angola (BDA), por esta se revelar “inadequada em relação à situação económica actual”.

Como consequência da nova metodologia, a taxa de juros dos empréstimos do BDA fica também desvinculada da taxa de câmbio do kwanza em relação ao dólar norte-

PUB

macon 
Seu Destino, nosso Objectivo!

planejo.com.br

Aluguer, Fretamento & Turismo

A Macon Transportes está presente por toda Angola, excepto Cabinda, transportando pessoas para lazer ou trabalho há mais de 14 anos.

Realizamos os serviços de Aluguer, Fretamento e Turismo, para atender viagens de passeios, negócios e encontros diversos, além de soluções customizadas e adequadas para o transporte de funcionários de empresas entre suas casas e locais de trabalho.

Dispomos de estrutura própria de atendimento e a frota mais nova do país, monitorada via satélite que significa maior segurança e pontualidade durante as viagens.



A Macon têm as melhores opções para suas necessidades em Transporte, com serviços diferenciados com foco total no Conforto, Segurança e na Qualidade.



comercial@macontransp.com
923 61 61 58 / 226 21 35 04

Empresas & Negócios

EMPRESA CHINESA DE TELECOMUNICAÇÕES

Huawei factura 120 milhões USD em 2015

TELECOMUNICAÇÕES. O resultado da empresa chinesa de tecnologia de informação, em 2015, registou um crescimento de mais 20% em relação a 2014, revelou o vice-presidente da Huawei em Angola, Felix Shudifei.

Por Valdimiro Dias

A Huawei Technologies, empresa de origem chinesa, obteve um volume de negócio de 120 milhões de dólares, durante o ano passado, número que representa um crescimento de mais de 20% em relação ao ano anterior, revelou o vice-presidente da Huawei em Angola, Felix Shudifei. O total das receitas obtidas inclui resultados da actividade da empresa em mais dois países africanos, nomeadamente São-Tomé e Príncipe e a Namíbia, segundo indicou o vice-presidente da companhia que falava à margem de uma cimeira sobre inovação digital, ocorrida recentemente, em Luanda.

No mercado angolano, a Huawei Technologies já marca presença desde 1998 e actua em três segmentos fundamentais destinados, nomeadamente aos consumidores, ao Governo e a operadores do mercado de telecomunicações, sendo de destacar, neste último caso, as empresas Unitel e a Movitel entre os principais clientes.

Em Angola, onde a empresa possui o seu escritório-sede, a Huawei emprega mais de 250 funcionários, dos quais metade é expatriada.

Na visão do vice-presidente da Huawei em Angola, Felix Shudifei, “Angola oferece um mercado com enorme potencial no domínio das tecnologias de informação”. Optimista, o responsável acredita que, dentro de três anos, o mercado nacional vai conhecer uma maior transformação digital, um momento do qual a empresa chinesa quer fazer parte.

CRISE PASSA AO LADO

Felix Shudifei assegura, por outro lado, que a empresa que representa não se viu muito afectada pela crise,

120

Milhões de dólares, total das receitas alcançadas pela Huawei, em 2015.

250

É o número total de funcionários da empresa chinesa, no mercado angolano.

“tendo em conta que as telecomunicações constituem uma necessidade básica de todos, de pessoas, empresas, transformando os negócios mais eficientes”.

“A importância das telecomunicações não se reflecte apenas em áreas quotidianas, mas em toda a indústria,



A Huawei, em Angola, emprega mais de 250 funcionários, dos quais metade é expatriada.

seja alimentar, cultural e outras para que possam beneficiar das comunicações”, reforçou.

Também presente no encontro, o quadro sénior do Ministério das Telecomunicações e Tecnologias de Informação, Eduardo Sebastião, que falava em representação do ministro José da Rocha, considerou que as TIC desempenham um papel importante na melhoria do ambiente de negócios das empresas, no aumento da produtividade, bem como pode contribuir para o aumento da eficiência nas áreas da saúde, educação e agricultura.

O responsável do MTTI enfatizou que a Huawei, por ser uma das principais fornecedoras de serviços e equipamentos de tecnologia de infor-

mação, em todo o mundo, pode ajudar no desenvolvimento de Angola.

Eduardo Sebastião lembrou ainda que a indústria das telecomunicações, vista como uma ponte digital para o mundo físico, tem a missão de explorar meios para o desenvolvimento industrial, através do ecossistema digital, razão pela qual defendeu a aceleração digital para se construir um mundo cada vez mais conectado.

Angola possui mais de 14 milhões de utilizadores de celulares e regista um crescente aumento de utilizadores da internet, resultante dos investimentos realizados nos últimos anos, facto que impõem novos desafios às empresas que actuam no domínio das TIC.



CONCERA

- ✓ Betão Pronto
- ✓ Pré-fabricados de Betão
- ✓ Pré-esforçados Ligeiros
- ✓ Betuminoso
- ✓ Aluguer de Equipamentos













✓ BETÃO PRONTO

- Classes de betão correntes
- Classes de betão especificadas

Para satisfazer as necessidades dos clientes, a Concera, S.A. produz, fornece e disponibiliza o serviço de bombagem do betão pronto, de acordo com as normas em vigor, tipos e classes especificadas.



✓ PRÉ-FABRICADOS DE BETÃO

• Blocos 	• Abobadilhas 	• Lancil 	• Pavê 	• Lajetas 
• Manilhas 	• Grelha de enlramento 	• Tubos 	• Cones 	• Caixas de visita 

✓ PRÉ-ESFORÇADOS LIGEIOS

• Vigotas 	• Painel e Laje Alveolar 	• Laje TT 	• Ripas 
--	--	--	--

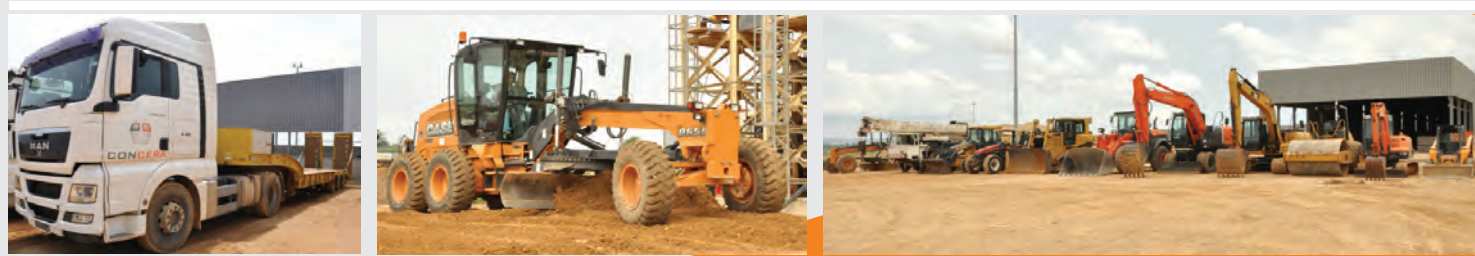
✓ BETUMINOSO

- Massas Asfálticas
- Aplicação de Massas Asfálticas



✓ ALUGUER DE EQUIPAMENTOS

- Máquinas para Movimentação de Terras
- Equipamentos de Movimentação de Cargas
- Transportes de Cargas e Equipamentos



(In)formalizando

Junho a Novembro são apontados como os períodos mais críticos, vendem-se poucos livros.



NAS LIVRARIAS, BANCADAS E NA ZUNGA

Venda de livros feita “por gosto”

LIVREIROS. A comercialização de livros, apesar de “não ser rentável”, agrada a quem se dedica ao negócio que garante fazê-lo “por gosto”. Em tempos de crise, as vendas têm registado grandes quedas. E há quem opte por ir ao encontro dos clientes.

Por Teresa Fukiady

O negócio exige paciência, calma e vontade. É arriscado, sobretudo para quem o faz na estrada, no meio de trânsito, mas “vale a pena”. É desta forma que as pessoas que se dedicam à comercialização de livros definem o negócio. Os livros de Medicina, Direito e Gestão são os mais pro-

curados. Os dias de ‘pico’ são nas vésperas da abertura do ano lectivo, como revela Jorge Domingos. Há mais de cinco anos na venda, nos dias em que a sorte lhe sorri chega a levar para casa 30 mil kwanzas. Mas em dias maus, não consegue sequer ‘despachar’ um único livro.

De 32 anos, Jorge Domingos começou a vender, investindo 20 mil kwanzas. No início, comercializava apenas manuais escolares da 7.ª à 12.ª classe. Mas, com o lucro, de-

cidou alargar a bancada com livros científicos, dicionários, obras literárias e outros materiais escolares. Os livros não têm um preço fixo e são vendidos em função da procura. Quanto maior a procura, mais caro se torna. Hoje já tem uma bancada maior. Adquire os livros em lojas e em revendedores. Vende manuais e materiais escolares e literatura.

Adão Pedro vende livros antigos e usados desde 1992. Era funcionário da antiga Empresa Distribuido-

ra Livreira (EDIL), que pertenceu ao departamento de informação e propaganda do MPLA. Tal como Jorge Domingos, vende os livros na praça. Mas, no caso de Adão Pedro, por falta de bancada, recorre ao chão para colocar os livros. Tem disponíveis mais de dois mil. Confessa que, este ano, tem sido “mais difícil e que as vendas baixaram muito”. “Antes, podia fazer quase 100 mil kwanzas por dia”, lembra com tristeza os bons tempos. E agora, há dias em que fica sem vender um livro.

Com tanta mercadoria à venda, tem dois ajudantes, que são ‘remunerados’ diariamente em dois mil kwanzas, em função do dinheiro vendido. Pensa em ter uma livraria, mas precisa de um local com boa localização. Os livros que revende são adquiridos por jovens e outros que negociem livros deixados pelos familiares. Os livros raros são os mais caros.

Paralelo às bancadas das praças, existem as prateleiras das livrarias, que também estão a sentir as vendas em queda devido à crise e que também sofrem com os ‘períodos mortos’ do ano. Segundo Jorge Bezerra, gerente da Livraria Escolar

“O negócio dos livros é pouco atractivo por causa da rentabilidade e recuperabilidade do investimento que é muito demorado”

40

por cento é a queda que a Livraria Escolar editora registou nesse ano em venda de livros.

60

mil kwanzas é quanto a AMS Comercial chega a pagar aos funcionários nas fases boas das vendas

tivo por causa da rentabilidade e recuperabilidade do investimento que é muito demorado”. O sócio-gerente da livraria Cheikh Anta Deiop, na Via Expressa, admite que não entrou no negócio “por investimento”, mas pelo gosto pelos livros e pela “percepção do impacto e da contribuição para a sociedade”. Por isso, defende ser “necessário juntar alguns esforços de tal modo que consega manter envolvidos e satisfeitos os trabalhadores. Mas tem sido uma ginástica interessante”.

A Cheikh Anta Deiop existe há menos de um ano e o número de clientes não tem sido a desejado. Para superar esses constrangimentos, vende os livros nas universidades e institutos superiores. Tem cinco colaboradores. Os supervisores têm um salário-base de 60 mil kwanzas. As responsáveis de venda recebem 45 mil e a senhora da limpeza 20 mil kwanzas. Mensalmente, desembolsa 230 mil em salários. “O negócio não é atractivo para os bancos darem crédito, então o recurso é mesmo de capital próprio”, desabafa.

Editora, na Mutamba, em Luanda, este ano as vendas baixaram quase 40 por cento, chegando a vender, em média, 30 livros. Mas apesar da crise, acredita que vale a pena investir porque “o retorno é bom”.

António Komba esclarece que “o negócio dos livros é pouco atrac-

DA BANCADA À LIVRARIA

Houve quem começasse com a venda de livros e hoje tem uma livraria. É o exemplo da AMS Comercial, um projecto familiar criado há 10 anos, que começou com a venda de pequenos livros do ensino primário nos mercados do Kikolo, São Pau-

lo, entre outros. “Fomos ganhando nome e as editoras passaram a dar-nos livros por consignação”, lembra o responsável Jonês Mazumbua. Já perdeu a conta de quantos livros tem as estantes, por isso, começou a criar uma base de dados para melhorar o controlo.

Jonês Mazumbua reconhece que, em Angola, já se “começa a despertar o gosto pela leitura”. E, por isso, defende a aposta no negócio. Para não depender apenas da livraria, a AMS Comercial optou por uma estratégia de ‘zunga’ dos livros. Ou seja, tem uma livraria móvel e que vai ao encontro do cliente onde quer que o mesmo se encontre. A estratégia tem dado resultados positivos e facilitado as vendas.

O responsável admite que o lucro “não é muito”, mas serve para pagar a colaboradores e cobrir outros custos. Na recente feira do livro, conta que conseguiu vender mais de 400 livros. Durante um mês, vende apenas cerca de 100 livros, na livraria. Além da venda, fornecem livros a outros revendedores. A intenção é expandir-se para outros pontos do país. Tem oito colaboradores, mas que são pagos em função das vendas mensais. Nas fases boas, chegam a ganhar entre os 55 e os 60 mil kwanzas.

De Junho a Novembro, são apontados como os períodos mais críticos. “Se não houver feira é muito difícil vender.”

Jorge Bezerra, gerente da Livraria Escolar Editora



PUB

TRANSCOOP
Transportes Rodoviários

AGILIDADE, CONFORTO, SEGURANÇA E EXCLUSIVIDADE



**SERVIÇO
PERSONALIZADO COM
CONFORTO E
SEGURANÇA**

**O TAXÍMETRO SÓ SERÁ LIGADO
NO LOCAL DA CHAMADA**



Rua 21 de Janeiro, Bairro Rocha Pinto, Luanda
Call center
(+244) 947 992 829
(+244) 993 091 599

Trabalhamos com multicaixa



DE JURE

ANTEPROJECTO EM CONSULTA PÚBLICA

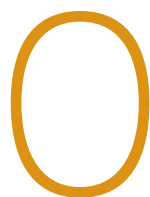
Novo código da família sem alterações no regime económico

LEGISLAÇÃO. O anteprojecto do Código de Família não propõe qualquer alteração de índole económica. Mantém os elementos da comunhão de bens adquiridos, da separação de bens, bem como na administração de bens e dívidas dos cônjuges.

Por Redação

MEMORIZE

● O novo anteprojecto poderá substituir o Código de Família de 1988. Vai delimitar que se o regime de bens adoptado pelos nubentes ou imposto por lei for o de separação, cada um conserva o domínio e fruição dos seus bens presentes e futuros.



Os bens e direitos adquiridos a título oneroso, durante o casamento; os salários, pensões ou qual-

quer outro fruto ou rendimentos regulares, recebidos por um dos cônjuges, no casamento, continuam a constituir o património comum em regime de comunhão de bens. Tudo isso faz parte do anteprojecto do código de família, que já está em consulta pública.

O documento mantém como bens próprios os móveis e imóveis e os direitos que cada cônjuge tiver antes do casamento ou da adopção do regime de comunhão de adquiridos; os bens e direitos adquiridos a título gratuito e os sub-rogados no lugar dos bens próprios, durante o casamento; os direitos de autor, os prémios e recompensas recebidas, resultantes de actividades pessoais de cada um dos cônjuges; os bens adquiridos em virtude de factos ou direito anterior ao casamento de cada um; e os bens de uso pessoal e os objectos de trabalho exclusivo de cada um dos cônjuges.

BENS DE NATUREZA MISTA

Os bens adquiridos em parte com dinheiro ou bens próprios de um dos cônjuges e em parte com dinheiro de bens comuns integram o património comum, se o valor destes for igual ou superior ao daqueles, ficando excluídos do património comum, em caso contrário. É, porém, salvaguardada a compensação devida entre o

património comum e os patrimónios dos cônjuges.

SEPARAÇÃO DE BENS

O anteprojecto que pode substituir o Código de Família, que vigora desde 1988, delimita que se o regime de bens adoptado pelos nubentes ou imposto por lei for o de separação, cada um conserva o domínio e fruição dos seus bens presentes e futuros, podendo dispor deles livremente, com restrições da presente lei. Em caso de dúvida, os bens móveis têm-se como pertencentes em copropriedade.

ADMINISTRAÇÃO DOS BENS E DÍVIDAS

Na administração dos bens e dívidas dos cônjuges, o novo código de conduta familiar prevê que ambos tenham o direito de os administrar, independentemente do regime de bens. Têm igualmente legitimidade para a administração ordinária relativamente aos bens comuns do casal, fora dos casos em que os bens móveis, comuns ou próprios do outro cônjuge, por ele exclusivamente tem utilizado como instrumento de trabalho. No exercício da administração dos bens comuns, não é obrigatório prestar contas dessa administração, mas quem gere pode ser responsabi-

CÓDIGO
DA FAMÍLIA
REPÚBLICA DE ANGOLA

lizado pelos actos que, intencionalmente, ou com grave negligência, pratique em prejuízo do outro cônjuge ou do casal.

mento comercial só podem ser alienados ou onerados, com o acordo de ambos os cônjuges, salvo se vigorar entre eles o regime de separação de bens ou o da participação final nos adquiridos. A alienação, oneração, arrendamento ou constituição de outros direitos pessoais de gozo sobre a residência familiar precisa sempre do consentimento de ambos os cônjuges.

DÍVIDAS DOS CÔNJUGES

O documento prevê que o casal deve ser responsável pelas dívidas contraídas como casal ou por um dos membros, com o acordo do outro. Determinam-se dívidas de exclusivas responsabilidades do cônjuge as contraídas por cada um sem o acordo do outro e as dívidas provenientes da condenação por crimes e as indemnizações, restituições, custas judiciais ou multas devido a factos imputáveis a cada um dos cônjuges.

DIVÓRCIOS

Os cônjuges podem requerer o divórcio sempre que se deteriorarem, de forma completa e irremediável, os princípios em que se baseavam a união. O divórcio pode ser solicitado por mútuo acordo ou por litígio, que produzem efeitos como a partilha dos bens, em caso de o casamento ter sido celebrado no regime de comunhão.

Em caso de morte e outro querer casar de novo, cessa a comunhão, o direito à sucessão nos bens e todos os benefícios recebidos como, por exemplo, o uso do apelido adoptado.

Outro aspecto importante, quanto à dissolução por morte, tem que ver com as dívidas contraídas para com terceiros ou pelos cônjuges. As dívidas devem ser liquidadas sucessivamente pelo viúvo, já que detém o património comum e os bens do casal.

No caso da alienação ou oneração de bens, ambos têm a legitimidade de para alienar ou onerar. Os bens imóveis comuns e o estabeleci-



1ª BIENAL

Direito da Saúde

DIREITO DA SAÚDE E RESPONSABILIDADE MÉDICA

13 e 14 | Setembro | 2016

Memorial Dr. António Agostinho Neto Luanda

INFORMAÇÕES

www.cedp-angola.com | cedp@cedp-angola.com | T.: 931 916 780

Organização



Participação



Patrocínios



Patrocinador Oficial

Gestão

KIICHIRO TOYODA

Mais do que uma marca, fundou um símbolo

INDÚSTRIA AUTOMÓVEL. A Toyota hoje é mais do que uma marca. É um símbolo do Japão e da eficiência asiática. Além da construção de automóveis, tem escolas, oferece bolsas de estudo a japoneses e estrangeiros, participa em campanhas de responsabilidade social. Nasceu a imitar e o fundador atribuiu o nome por... superstição.

Por Emídio Fernando

O

ficialmente, é Kiichiro Toyoda o criador da marca de automóveis japonesa, a Toyota, hoje a mais vendida

no mundo e que se tornou um símbolo da cultura e da indústria nipônica.

Engenheiro de profissão, o jovem Kiichiro ficou maravilhado quando visitou fábricas de automóveis nos Estados Unidos, em 1922. Calculou, logo ali, que o Japão também teria condições para se aventurar na indústria automível. Até porque, já na altura, os norte-americanos exerciam uma forte influência no mercado japonês. Chegado ao Japão, recebeu auxílio do pai, Sakichi Toyoda, que já exibía uma considerável fortuna graças ao fabrico em grande escala de teares.

Entre a decisão e a criação da marca passaram dez anos. Durante a década, Kiichiro Toyoda aplicou duas das receitas muito asiáticas: muita ponderação e uma espécie de espionagem industrial feita nas principais fábricas nos EUA e na Europa. Um dos contactos privilegiados foi com Henry Ford que já somava êxitos com o seu Ford de quatro cilindros e inovava na gestão. Apesar dessa incursão, Kiichiro sempre rejeitou que tivesse intenções de copiar. Numa entrevista a uma revista norte-americana, garantia que tinha apenas usado



Kiichiro Toyoda.

a “própria pesquisa e criatividade para desenvolver um método” que se adaptasse ao país.

Esse método permitiu-lhe construir um protótipo de motor a gasolina em 1930, numa das fábricas de tecelagem do pai. O motor serviu para patentear um tear automá-

tico, mas estava dado o primeiro passo para a ‘aventura’ automível. Cinco anos depois, criava o motor de seis cilindros que foi o primeiro a ser usado pelo Departamento de Automóveis da Tecelagem Toyoda. A tecnologia era toda importada dos EUA. Em 1936, nascia o ‘AA’,

350

É o número de funcionários que da marca, em mais de 565 subsidiárias.

1957

Ano em que morre o criador da marca Toyota, Kiichiro Toyoda.

totalmente inspirado no Chrysler e na Chevrolet. Nascia assim uma fábrica de montagem inovadora: Kiichiro criou o método de comprar todo o equipamento, a unidade industrial limitava-se a montar e a encaixar materiais, usando as peças unicamente indispensáveis, evitando desperdícios. A ligação, no entanto, com estas duas marcas só iria durar um ano.

Ambicioso, Kiichiro Toyoda já tinha obtido o que queria e lançava, em 1937, a marca de automóveis que, logo à partida, respeitava uma superstição: Toyoda, em japonês, escreve-se com 10 traços, Toyota escreve-se com oito, um número que, no Japão,

simboliza a prosperidade. Foi fácil, portanto, optar pelo Toyota, tal qual se conhece hoje e que está presente em 160 países.

Se por um lado, Kiichiro é o ‘pai’ da Toyota, por outro, a marca deve muito ao co-fundador, Sakichi. Foi ele que financiou as ambições do filho, aplicando dinheiro, meios e métodos de gestão que já lhe tinham proporcionado o sucesso com a tecelagem.

Sakichi Toyoda montou um império de teares, usando os seus conhecimentos de carpintaria e alguns de engenharia mecânica. Começou por colocar um motor no tear da mãe. Anos depois, em 1893, patenteou a ideia e fez um acordo com a Mitsui para produzir teares mecânicos. O fabrico local permitiu que os produtos custassem 10 vezes menos do que os teares importados da Alemanha.

A guerra entre o Japão e a Rússia, em 1904, fez com que a procura do algodão crescesse. Os teares motorizados faziam fardas e material em pano de apoio à guerra. O período de paz voltou a trazer a prosperidade ao Japão e à família Toyoda que já estava na primeira linha dos negócios e com outras ambições de quatro rodas. Em 1907, funda a Toyoda Loom Works, desliga-se da Mitsui e começa a percorrer o próprio caminho.

Quase 30 anos depois, era criada, de facto, a Toyota, mas o velho empresário já não iria assistir ao seu nascimento. Morreu em 1930.

Hoje a marca lidera o mercado automível mundial em número de vendas, superando a alemã Volkswagen e a norte-americana General Motors. Tem mais de 350 mil funcionários e 565 subsidiárias, em todo o mundo, mas a crise económica internacional também a atingiu. A marca dispensou mais de 25 mil trabalhadores.

Kiichiro ainda acompanhou o sucesso internacional da Toyota. Viria a morrer em 1957. Na vida, passou por quatro guerras, duas delas, mundiais.

Os trabalhadores invisíveis de África



CARL MANLAN

Os milhares de milhões de dólares de ajuda, entregues a África anualmente, podem contribuir para que o continente seja muito melhor, mas não são uma solução para a pobreza. Só a criação de mais empregos de qualidade pode fazer isso. A questão é saber como.

África possui uma grande e criativa força de trabalho, sustentada por uma população jovem que deve duplicar para mais de 830 milhões, em 2050. Isso deve representar um benefício para as economias em todo o continente. Mas os responsáveis políticos africanos enfrentam um sério problema: não sabem, de facto, quantas pessoas lideram, onde elas vivem, ou como ganham a vida. Simplificando: não existem dados suficientes.

Dos 54 países, 46 têm um rastreamento limitado em estatísticas vitais, como o nascimento, casamento e morte. Como relata a Fundação Mo Ibrahim, apenas “um terço de todos os africanos vive num país onde o censo é realizado desde 2010” e os programas censitários existentes são, muitas vezes, sub-financiados e não confiáveis. Mais de metade de todos os africanos vive em países que não realizaram uma única pesquisa, durante uma década, sobre a força de trabalho.

Enquanto isso, os jovens africanos dependem, em grande parte, da economia informal, onde entram de uma forma ‘ad hoc’ e fora do alcance de uma regulamentação governamental e de uma tributação. Podem até fazer um trabalho produtivo, mas, nas economias em que a informalidade é efectivamente institucionalizada, não se tem conhecimento desse trabalho por falta de mecanismos de recolha de dados.

Sem um quadro preciso sobre o mercado de trabalho, os gover-



nos são incapazes de responder aos desafios que os afligem. Iniciativas destinadas a reduzir o desemprego dos jovens, mesmo que sejam numerosas, são pouco eficazes se não se souber quais os tipos de postos de trabalho já existentes e os que são necessários criar. Estima-se que, em 2022, mais de 122 milhões de pessoas vão entrar na força de trabalho africana. O que, mantendo-se as actuais tendências de trabalho, criar empregos suficientes será uma tarefa cada vez mais difícil.

Focalizar na melhoria da recolha de dados não significa simplesmente imitar os métodos de rastreamento de trabalho utilizado nos países da OCDE, onde a economia informal não representa uma parte elevada de emprego. Em vez disso, os governos africanos, com a ajuda do sector privado, devem desenvolver métodos para compreenderem como a economia informal funciona e como pode ser melhorada. Só então será possível enfrentar o desemprego e a pobreza de uma forma eficaz e desbloquear o potencial dos jovens de África.

Algumas abordagens de alto potencial já são feitas. Por exemplo, a Aliança para uma Revolução Verde revela que, embora o continente tenha 60% de terras não cultivadas a nível mundial, gasta mais de 60 mil milhões de dólares, por ano, na importação de alimentos. Não investir no desenvolvimento dos recursos agrícolas de África é,

portanto, uma atitude acéfala.

Os jovens podem desempenhar um papel central, ao identificar e investir em sectores-chave agrícolas. Os líderes africanos podem criar oportunidades de emprego formais decentes, digamos, em pequenas fábricas para trabalhadores relativamente de baixa qualificação. Só seria necessária uma pequena formação para tirar trabalhadores - como os 120 que uma fábrica de pasta de tomate emprega na Nigéria - do fundo ‘do poço’.

Outra abordagem promissora é exemplificada pelo programa eJozzi, de Joanesburgo, que visa eliminar obstáculos ao primeiro emprego para jovens, proporcionando formações como a literacia digital. Esses ganhos profissionais permitem que os jovens se movam não só fora do sector informal, mas também fora de empregos formais indesejáveis, como na indústria de segurança privada da África do Sul, que emprega mais de 412 mil pessoas. Esta indústria tem enfrentado críticas pelas más condições de trabalho; mesmo que nem todas o façam, não desenvolvem capacidades para poder apoiar um crescimento económico estável e sustentável.

Quanto mais as pessoas adquirirem qualidades profissionais e tenham acesso a oportunidades para preencher empregos produtivos no sector formal, onde são registados e reconhecidos, os governos terão

uma melhor percepção do mercado de trabalho.

Mas, para maximizar eficazmente os esforços para fornecer aptidões e oportunidades, garantindo que quem permaneça no sector informal não fique invisível, as iniciativas que visem aumentar directamente a recolha de dados também são necessárias.

Uma dessas iniciativas é o ‘Programa para África na Melhoria Acelerada do Registo Civil e Estatísticas Vitais’, que foi formalmente lançado em 2011. Como não pode fornecer resultados instantâneos, começa a lançar as bases para o desenvolvimento e implementação de programas com base em dados concretos sobre as populações africanas.

Reduzir o desemprego e a pobreza não são apenas responsabilidades dos governos. O sector privado e os cidadãos comuns também podem ajudar. Por exemplo, podemos apoiar actividades informais, como a reciclagem de resíduos, que dão a jovens de baixa qualificação, uma oportunidade de ganhar dinheiro. E podemos incentivar e facilitar a aprendizagem que fornecem competências técnicas e oportunidades para a educação cívica.

África já enfrentou problemas complexos e de grande alcance. Por exemplo, a sida, que parecia insuperável, já em grande parte tem sido mantida sob controlo. A chave para enfrentar esse desafio foi a cooperação entre governos, parceiros de desenvolvimento e comunidades locais na recolha, processamento e utilização de dados para ajustar as estratégias.

Devemos fazer o mesmo para resolver a escassez de emprego. Se as economias de África vão absorver 122 milhões de jovens trabalhadores nos próximos anos, temos de conseguir os contabilizá-los a começar a partir de agora.

Presidente executivo da Funda-

África já enfrentou problemas complexos e de grande alcance. Por exemplo, a sida, que parecia insuperável, já em grande parte tem sido mantida sob controlo. A chave para enfrentar esse desafio foi a cooperação entre governos, parceiros de desenvolvimento e comunidades locais na recolha, processamento e utilização de dados para ajustar as estratégias. Devemos fazer o mesmo para resolver a escassez de emprego.

Internacional

SEGURANÇA, DESEMPREGO E INDECISÃO POLÍTICA AGITAM O BRASIL

Depois dos Jogos, crise mais destapada

CRISE. Enquanto os senadores brasileiros discutem o futuro de Dilma Rousseff, o país continua mergulhado numa das maiores crises de sempre. Nem os Jogos Olímpicos disfarçaram os problemas económicos e sociais. Em apenas seis meses, o Brasil perdeu mais de 620 mil postos de trabalho. A Amnistia Internacional denuncia graves violações dos direitos humanos.

que ocorreram durante os Jogos é garantir que todos os assassinatos e outras violações dos direitos humanos por parte da polícia sejam efetivamente investigados e que os responsáveis sejam levados à justiça”, considerou.

Além dos oito assassinatos - um número que pode subir por ainda não terem sido confirmadas mortes em duas favelas -, houve relatos de outras violações de direitos humanos, como “invasões de domicílio, ameaças directas e agressões físicas e verbais por parte da polícia”, lê-se no comunicado daquela organização de defesa dos direitos humanos.

A organização recordou ainda que o número de homicídios provocados pelas forças de segurança na região aumentou nos últimos meses, de 35 em Abril para 49 em Junho.

De acordo com a mesma ONG, “manifestantes foram duramente reprimidos pela polícia, dentro e fora das arenas desportivas”.

Manifestações pacíficas foram recebidas com violência policial, incluindo com o uso de armas, como gás lacrimogéneo, e houve pessoas detidas e retiradas das arenas desportivas por vestirem roupas ou segurarem faixas com mensagens políticas, lembrou a organização, falando em “violação do direito à liberdade de expressão”.

Na alta roda da política, Dilma Rousseff começou a enfrentar o julgamento, pelo Senado, que vai decidir se a destituição é definitiva ou se a antiga presidente volta ao cargo até 2018. Para ganhar a batalha, Dilma Rousseff precisa do voto de 28 deputados dos 81 que compõem o Senado.

O primeiro dia ficou marcado por um aceso debate e troca de acusações entre senadores anti e pró-Dilma. “Drogado, corrupto, escravagista, mentiroso, ladrão” foram alguns dos ‘mimos’ trocados pelos senadores que obrigaram a uma interrupção de trabalhos.

Se Dilma Rousseff perder a batalha no Senado, o Brasil mantém na presidência Michel Temer, interinamente, até 2018, data marcada para novas eleições.



ITÁLIA

E a terra voltou a tremer

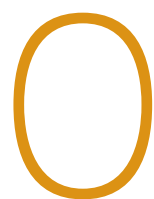
Na sexta-feira, a Protecção Civil de Itália calculava em 268 o número de mortos, vítimas do forte terramoto de magnitude 6,2 na escala de Richter que devastou, na madrugada de quarta-feira, o centro do país. Mas o número de vítimas poderá ser mais elevado, quando se fizer um balanço definitivo.

Além dos mortos, houve, de acordo com cálculos dos primeiros dias, mais de 400 feridos e ainda havia muita gente soterrada.

O terramoto teve o epicentro a dez quilómetros de profundidade, a província de Perugia, e já é considerado como um dos mais mortíferos dos últimos anos em Itália.

O sismo mais forte - de magnitude 4,9 - foi registado às 06:28 (05:28 em Luanda) e durou mais de um minuto. Mas foi o suficiente para devastar vilas e destruir grande parte de algumas cidades.

A Protecção Civil instalou diversos acampamentos e colocou à disposição ginásios e outros centros com um total de 3500 camas para quem ficou sem casa. As equipas de resgate têm continuado, ao longo destes dias, em busca de sobreviventes nos escombros, nas localidades mais afectadas e onde há registo de feridos.



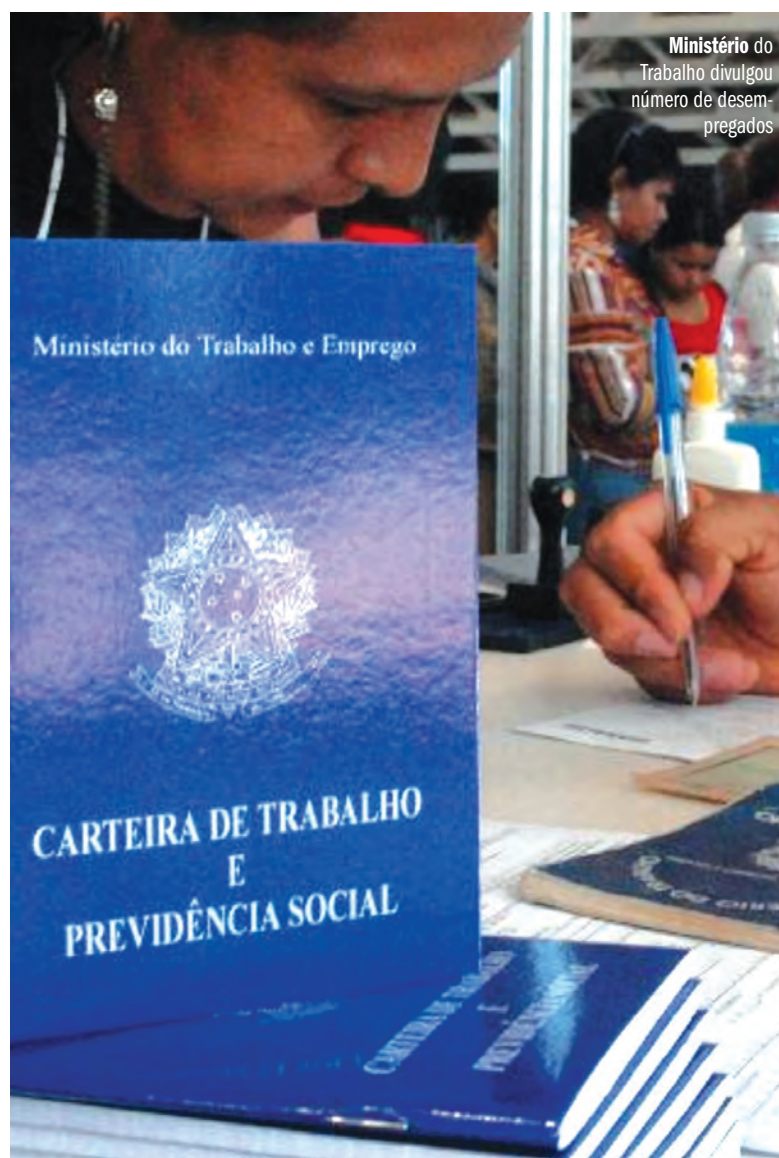
Brasil perdeu 623.520 postos de trabalho de Janeiro a Julho deste ano, o pior resultado entre contratações e demissões para este período desde o início da série histórica, em 2002, segundo dados oficiais divulgados a semana passada.

O Cadastro Geral de Empregados e Desempregados mostra que, em Julho, o saldo entre contratações e demissões foi de “94.724 postos de trabalho, o equivalente ao declínio de 0,24%” em relação a Junho”, lê-se numa nota do Ministério do Trabalho, que compara também com o número de vagas de emprego perdidas em Julho do ano passado (157.905).

Enquanto a agricultura e a administração pública foram sectores com resultados positivos na criação de emprego, as áreas de serviços, construção civil, comércio e indústria de transformação tiveram mais perdas do que ganhos na criação de postos de trabalho formais.

O Brasil enfrenta uma longa recessão e um aumento de desemprego, que atinge actualmente 11,6 milhões de pessoas. Nem o entusiasmo dos Jogos Olímpicos, que terminaram a 21 de Agosto, animaram a situação do país.

A Amnistia Internacional (AI) denunciou que, durante a competição, as autoridades policiais mataram, pelo menos, oito pessoas no Rio de Janeiro e reprimiram, com violência, protestos pacíficos. “O Brasil perdeu a medalha mais importante em jogo durante



o Rio2016: a chance de se tornar um campeão em direitos humanos”, afirmou Atila Roque, director executivo da AI no Brasil.

Para o mesmo responsável, as autoridades brasileiras desperdiçaram uma “oportunidade de ouro” para cumprir as promessas que fizeram e defende que a “única maneira de desfazer alguns dos muitos erros

11,6

milhões de desempregados, oficialmente registados este ano.

UM VEÍCULO armadilhado explodiu perto de uma esquadra, em Cizre, na Turquia. Morreram onze polícias e dezenas de pessoas ficaram feridas. O atentado foi reivindicado pelo Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK).



O VICE-MINISTRO do Interior da Bolívia, Rodolfo Illanes, foi assassinado quando se encontrava sequestrado por mineiros em protesto. Rodolfo Illanes quis dialogar com os manifestantes que bloqueavam estradas.



AVISO DO CITIGROUP

Economia ameaçada

A economia mundial poderá entrar em recessão se o candidato republicano Donald Trump vencer as eleições presidenciais nos EUA, avisam peritos do Citigroup, num parecer divulgado a semana passada.

Neste parecer, os peritos reforçam a ideia de que as eleições presidenciais nos EUA são uma "importante fonte de incerteza para a economia mundial". "A nossa hipótese de base é uma vitória de Hillary Clinton (candidata democrata) e principalmente a continuidade das políticas económicas", referem os peritos, defendendo que, com a eleição da antiga secretária de Estado, haverá uma expansão fiscal.

"A vitória de Donald Trump reserva dias mais sombrios para a economia", defendem. Dado o aumento da incerteza e as condições de financiamento mais restritivas, uma "vitória de Donald Trump poderá reduzir o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) mundial de 0,7 para 0,8 pontos percentuais", referem os economistas do grupo bancário, sublinhando que o crescimento será apenas de 2% ou menos no mundo.

As eleições presidenciais dos EUA estão marcadas para 8 de novembro.

PARA PASSAR UMA NOITE

As cidades mais baratas

A USB AG — uma empresa de serviços financeiros com sede na Suíça — fez contas e elaborou a lista das cidades mais baratas para passar um fim de semana. A cidade mais económica é Bucareste, a mais cara é Zurique, onde numa noite se pode gastar 1.050 dólares. O relatório mostra que seis das

dez cidades mais caras do mundo são europeias. As outras metrópoles mais dispendiosas são Nova Iorque — a segunda cidade mais cara (1.030 dólares) —, Tóquio — que surge em quarto lugar (1.000 dólares) —, Taipé — em 8.º na lista (820 dólares) — e Dubai (790 dólares), a fechar o top 10 das mais caras do mundo. Já nas dez cidades mais baratas onde passar férias, há cinco cidades europeias (Bucareste, Sófia, Vilnius, Budapeste e Istambul), quatro asiáticas (Bom-

baim, Bangucoque, Nova Déli e Pequim) e uma única africana (Nairobi). Na lista não surge nenhuma cidade angolana e a capital portuguesa, Lisboa, aparece em 15.º entre as mais baratas.

A UBS AG calculou os valores, estimando a quantidade de dinheiro que duas pessoas podem gastar ao passar uma noite em cada uma destas cidades. O cálculo inclui o valor de um jantar com vinho, o aluguer de um carro, despesas postais e uma viagem de táxi.



Nairobi, a cidade mais barata de África



MOÇAMBIQUE

Turismo em queda

O governador de Inhambane, em Moçambique, Daniel Chapo, está convencido de que os confrontos militares afectam o turismo. "É a bandeira da província", afirmou Chapo, em declarações aos jornalistas, no final da inauguração de sistemas de abastecimento de água de Morrumbene e Homoine, financiados pela União Europeia (UE) em 11 dos 13 milhões de dólares do valor total do projecto. Sem especificar números, o governador provincial revelou que o fluxo de turistas que procuravam instantâneas turísticas, nomeadamente praias, caiu nos últimos meses, em resultado da violência militar.

Apesar da queda, os investimentos no sector nas ilhas da província dispararam 100% no primeiro semestre

deste ano, alcançando seis milhões de dólares, quando comparado com igual período de 2015.

Moçambique, principalmente a região central, tem sido palco de confrontos entre as Forças de Defesa e Segurança e o 'braço armado' da Renamo. As autoridades atribuem ao principal partido de oposição ataques com emboscadas a alvos militares e civis em diversas vias.

O governo e a Renamo estão em negociações visando o fim da violência militar, mas ainda não houve um entendimento. O principal partido de oposição exige governar seis províncias onde reivindica vitória nas eleições gerais de 2014, que alega terem sido viciadas pela Frelimo, partido no poder. O presidente moçambicano, Filipe Nyusi, questiona a exigência da Renamo de um afastamento das forças governamentais da região onde presumivelmente se encontra Afonso Dhlakama.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE IVA em 2018

O governo são-tomense vai introduzir o IVA (Imposto de Valor Acrescentado) no seu ordenamento jurídico fiscal a partir de Janeiro de 2018, anunciou o director dos impostos, Olinto Costa.

O executivo estava convencido de que tinha todas as condições criadas em 2017 para a implementação do IVA, mas tendo em conta a sua complexidade, adiou para Janeiro de 2018.

O anúncio foi feito no final

de uma reunião entre os responsáveis de vários sectores do Estado, destinado a explicar "os benefícios e as necessidades" da aplicação desse imposto pela primeira vez em São Tomé e Príncipe.

Três especialistas em matéria fiscal do Fundo Monetário Internacional (FMI) encontram-se em São Tomé para ajudar o governo a fazer os estudos

O IVA é um imposto usado por 160 países e visa, no caso de São Tomé e Príncipe, "substituir esses impostos ao consumo e também algumas das incidências sobre o imposto de selo", defende o FMI.



São Tomé com novo imposto

Ambiente

CONCLUEM ESTUDOS ELABORADOS POR CIENTISTAS DOS EUA

Vírus são mais perigosos de manhã

SAÚDE. Investigadores concluem que os vírus atacam mais e são mais eficazes durante as manhãs. Quem tem horários desajustados também fica mais vulnerável. A investigação pode ajudar na administração das vacinas e combater as endemias

Por Redacção*

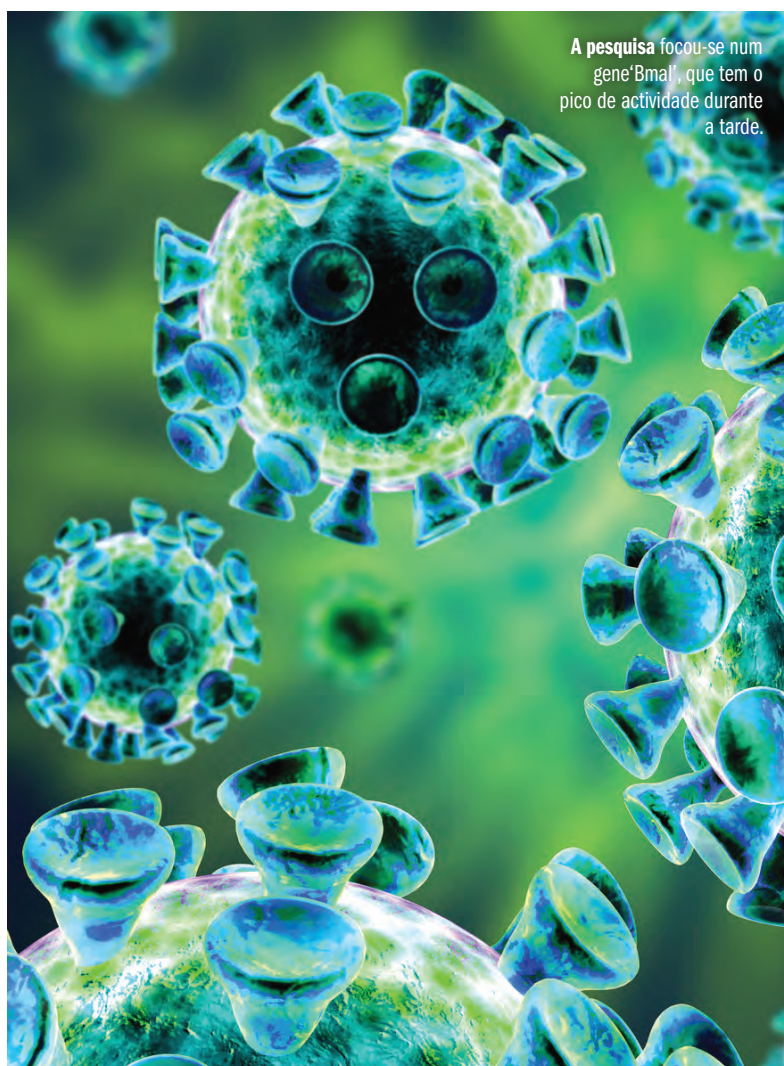
Um estudo recente, elaborado pela Universidade de Cambridge, conclui que os vírus têm dez vezes mais sucesso em adoecer a 'vítima' se a infecção tiver início pela manhã, aparentemente porque o nosso relógio biológico está mais susceptível.

A pesquisa, publicada pela revista da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos, mostrou, em estudos feitos com animais, que um relógio biológico desajustado – algo provocado por jornadas de trabalho em turnos diferentes ou em 'jet lags' – está sempre mais vulnerável a contrair infecções.

Para os pesquisadores, as descobertas podem ajudar a reforçar o combate a pandemias. Os vírus, ao contrário de bactérias e parasitas, são completamente dependentes de capacidade de 'sequestrar' a máquina dentro das células para se poderem replicar. Mas essas células mudam muito como parte desse padrão de 24 horas conhecido como o 'relógio biológico', que influencia, por exemplo, o funcionamento do nosso sistema imunológico e a libertação de hormonas.

No estudo, alguns ratos foram infectados com uma gripe, ou com o vírus do herpes. Estes animais apresentaram, durante a manhã, níveis virais dez vezes maiores dos que foram infectados durante a noite.

Os vírus que chegavam mais tarde falharam num processo que, de um



modo metafórico, pode ser explicado como se estivessem a tentar fazer operários reféns dentro de uma fábrica, mas depois, com a mudança de turnos, esse rapto tivesse terminado.

Um dos pesquisadores, Akhilesh Reddy, explicou, em entrevista à BBC, a "grande diferença": "O vírus precisa de todo o aparato disponível na hora certa (para ser eficaz), mas uma pequena infecção pela manhã pode desenvolver-se mais rapidamente e espalhar-se pelo corpo."

10

Por cento dos genes mudam durante o dia e isso é controlado pelo relógio biológico interno.

Akhilesh Reddy acredita que as descobertas "podem ajudar a controlar surtos de doenças". De acordo com o pesquisador, "numa pandemia, ficar em casa durante o dia pode ser importante (para) salvar vidas. Se os testes comprovarem a hipótese, isso pode ter um grande impacto".

RELÓGIO BIOLÓGICO

Outros testes mostraram que alterar o relógio biológico de um animal deixa-os 'presos' a um estado que facilita o sucesso do vírus.

A autora principal do estudo, Rachel Edgar, explica que "isso sugere que quem trabalha em turnos diferentes – quem trabalha às vezes de madrugada e, às vezes, durante o dia e, por isso, tem um relógio biológico desajustado – está mais sujeito a doenças virais". "Se isso for confirmado, esses trabalhadores podem ser candidatos a receber a vacina anual da gripe", completa. Os pesquisadores usaram apenas dois tipos de vírus no estudo. Mas os dois eram muito diferentes (um era vírus de ADN e o outro de ARN), o que leva os pesquisadores a acreditar que o princípio se aplica a um grande número de vírus.

Cerca de 10% dos genes – as instruções para gerenciar o corpo humano – mudam durante o dia e isso é controlado pelo relógio biológico interno.

A pesquisa focou-se num gene, denominado, 'Bmal', que tem o pico de actividade durante a tarde, tanto em ratos como em pessoas.

Curiosamente, o 'Bmal' fica menos activo em pessoas durante os meses de inverno, sugerindo que pode ter um papel no facto de as pessoas estarem mais sujeitas a infecções nessa época do ano.

Já há outras evidências da ligação entre o relógio biológico e as infecções: as vacinas contra gripe são mais eficientes se tomadas pela manhã, e o 'jet lag' afecta o desempenho do parasita da malária.



EM PROJECTO

Tenda com internet e energia solar

Duas empresas do Reino Unido prometem uma solução para acampamentos com energia captada de raios solares para gerar electricidade dentro de uma tenda. Os inventores garantem ainda acesso à internet, e a resolução de iluminação, temperatura e de falta de tomadas para carregar os telemóveis. As empresas Kaleidoscope e Orange Communication são as responsáveis pela tenda com internet e que produz energia solar, intitulada 'Concept Tent'. A tenda é revestida por um tecido especial que tem a capacidade de absorver raios solares e não precisa de painéis fixos. Também conta com dispositivos sensíveis à luz que se movimentam conforme o sol vai mudando de posição.

O processo funciona quando a luz, captada pela tenda, é processada dentro de um moderno sistema localizado no interior que indica os níveis de energia solar através de uma pequena tela de LCD. Não há fios, já que é utilizado o mesmo sistema de 'wi-fi'.

A tenda é apenas um protótipo sem previsão para chegar ao mercado.

*Fonte: G1

Educação & Tecnologia

ENSINO SUPERIOR

Lançado Anuário 2015

O Ministério do Ensino Superior (MES) apresentou, na passada sexta-feira, o Anuário Estatístico do Ensino Superior 2015, um documento que elucida os pormenores do desenvolvimento quantitativo e qualitativo nos diferentes dispositivos do ensino superior.

O estudo estatístico consiste em aferir, “com detalhe”, os principais resultados apresentados de todo o subsistema de ensino superior, que integra universidades, institutos

superiores, escolas superiores e academias, com estruturas de organização e dimensão diversificada e de diferente natureza.

O Anuário Estatístico do Ensino Superior é de cumprimento obrigatório, por facilitar e permitir ao Governo traçar políticas de desenvolvimento do ensino, bem como permite ‘desenhar’ uma melhor organização e gestão do ensino e aprendizagem da investigação científica e da extensão universitária e proporciona um conhecimento profundo e válido dos dispositivos educativos sobre os quais assenta todo o subsistema do ensino superior no país.



Mário Mujetes © VE

Documento deverá facilitar o Governo a traçar políticas de desenvolvimento do ensino.

Dirigente garante qualidade

A secretária de Estado do Ensino Superior, Maria Augusta da Silva, defendeu que a qualidade do sistema de ensino “tem melhorado significativamente”

Maria Augusta da Silva realçou, no final da cerimónia de apresentação do Anuário Estatístico do Ensino Superior do ano académico 2015, que o Governo, “mais do que a quantidade, tem como aposta a qualidade do ensino superior”.

A secretária de Estado lembrou que um dos factores que afere a qualidade do ensino tem que ver com o facto de, no ensino superior, entram apenas os melhores estudantes.

Para a responsável, os testes de admissão possibilitam avaliar a qualidade do ensino, bem como a formação contínua do corpo docente.

Maria Augusta da Silva referiu que o documento permite organizar os programas, planificar e traçar políticas e elaborar relatórios em função das instituições de ensino superior.

PUB



Cursos Profissionais para o Sector Público Administrativo e Empresarial Público e Privado

Inscriva-se já!

ENAD
Escola Nacional de Administração
Investir na Competência
Sustentar o Desenvolvimento

INSCRIÇÕES:

Estrada do Futungo, Corimba, Luanda - Angola
Contactos - Administração Pública: 945 176 841 / 945 176 847
Contactos - Sector Empresarial : 947 019 367 / 944 538 670
E-mail: gestores@enad.gov.ao
www.enad.gov.ao

RESERVAS – AUDITÓRIOS/SALAS:

Contacto - Reservas: 945 176 871
E-mail - Reservas: reservas.enad@enad.gov.ao
Contactos - Direcção Geral: 945 176 836
E-mail Geral: contacto@enad.gov.ao



Marcas & Estilos

Intemporalidades

Este é o cronógrafo que dá um toque desportivo à família de fabricantes da Portofino. Os botões de pressão marcantes são uma reminiscência do 'cockpit' dos carros italianos dos anos 1960. Possui um vidro de safira convexo e algarismos romanos com tempo.

Transportando cultura

As pastas da Hermes, inspiradas numa das mais belas criaturas da natureza, o aligador, pretendem que transporte não apenas os seus objectos preciosos, mais também a rica cultura que só lhe pode ser oferecida pelos mestres franceses.

Incomparável

Apesar de lhe fazer sentir-se o mais seguro possível em cada passo dado, as sapatilhas da Air Jordan vão elevá-lo ao mais alto nível, por conta da qualidade inigualável apresentado em todos os seus produtos.

Exigências douradas

O bracelete da Ileana Makri foi concebido para ser desfrutado em todos os momentos da sua vida. Produzido à mão com ouro amarelo para realçar a auto-estima e elegância intrínsecas a senhoras exigentes.

Sonos de luxo

Bem rentinha ao chão, esta elegante cama feita na Itália está de acordo com o gosto dos clientes da Lissoni. Com uma cabeceira envolta em penas de ganso e um generoso preenchimento, as suas noites de romance têm tudo para promover uma experiência de luxo.

Precisão sonora

Os auriculares LCD XC são peças únicas e exclusivas, sobretudo porque foram feitas com madeira especial, incrivelmente dinâmica, ágil, neutra e transparente, revelando com precisão tudo o que está na gravação. É a melhor ferramenta para engenheiros de som, músicos e audiófilos pelo som limpo e preciso.

AUTOMÓVEL

Luxo de 'hotel'

É apontado como Volvo mais luxuoso de sempre. A marca sueca lançou, este ano, o modelo XC90, na forma de versão Excellence. Já teve uma estreia de grande nível no Salão de Genebra, mas ainda não se sabe quando chega ao mercado africano, em particular, ao angolano. Para já, logo a abrir, a marca estabeleceu um valor, 'para início de conversa', de mais de 150 mil dólares. Falta ajustar as taxas que variam conforme os países.

O modelo tem quatro bancos, digamos sofás, individuais, com estofos de qualidade e encostos para cabeça, ajustáveis e com a função de massagem. Traz ainda uma geleira, duas mesas e copos de cristal. O carro propriamente dito tem um motor turbo a gasolina e também eléctrico e com 410 cavalos. À boa maneira sueca, um o mais baixo nível de emissões poluentes para carros desta cilindrada.



RESTAURANTE

Árabes e... caros

Para quem gosta de alternativas e sobretudo de comer rapidamente, os muitos restaurantes de origem árabe são boas alternativas em Luanda. Geralmente bem localizados, em sítios mais centrais da cidade, oferecem um pouco de quase tudo. Aqui podem encontrar-se as fahitas de vários tipos, o nan (pão árabe), o húmus (excelente pasta de grão de bico com azeite), as saladas verdes (com repolho), o frango grelhado com açafrão e mais outros pratos típicos do Médio Oriente. Nenhum deles, por os proprietários, geralmente libaneses, professarem o islamismo, não vendem bebidas alcoólicas. O problema mesmo é seguirem à risca Maomet que era comerciante: tudo é negócio. São caros, demasiado caros até para uma Luanda habituada a preços 'de outro mundo'.



MAIS DE 500% foi a subida do volume de negócios em leilões de arte na última década. A comércio de arte é ainda prejudicado pela falsificação que não tem dados concretos.

A arte faz-se em milhões

Há quem defenda que, em tempos de crise, um dos melhores investimentos é mesmo na arte. O mercado cresceu 300% entre 2004 e 2014. É eterna e, com o passar dos anos, valoriza. Nalguns casos, há obras que chegam a atin-

gir números astronómicos. O mercado mundial das belas-artes movimenta anualmente milhares de milhões de dólares. Em média, por ano, fazem-se 500 mil vendas só em leilões. O ano passado, o mercado movimen-

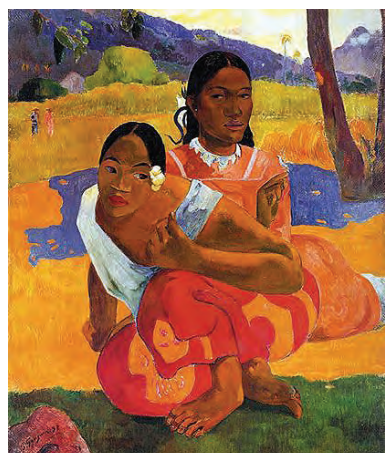
tou mais de 15 mil milhões de dólares, muito por força da entrada da China no registos de vendas.

Apesar destes números, apenas uma pequena percentagem, que não chega aos 10%, pode ser considerada

como uma transacção milionária, mas só 0,4% atinge valores acima dos 30 milhões de dólares. Outra parte pertence ao grupo de quadros vendidos por vários milhares de dólares, sem atingir os milhões. Em todo o mundo,

70% dos quadros são vendidos a preços inferiores a 5.000 dólares.

O quadro mais valioso da história foi vendido em 2015. É de Paul Gauguin e ficou por 300 milhões de dólares. Eis a lista dos mais valiosos de sempre.



1º **'QUANDO TE CASAS'**
Artista Paul Gauguin
Preço 300 milhões de dólares
Vendido em 2015



2º **'OS JOGADORES DE CARTAS'**
Artista Paul Cézanne
Preço 263 milhões de dólares
Vendido em 2011



3º **'MULHERES DE ARGEL'**
Artista Pablo Picasso
Preço 179 milhões de dólares
Vendido em 2015



4º **'NOSSA SENHORA'**
Artista Jackson Pollock
Preço 164,4 milhões de dólares
Vendido em 2006



5º **'MULHER III'**
Artista Willem de Kooning
Preço 161 milhões de dólares
Vendido em 2006



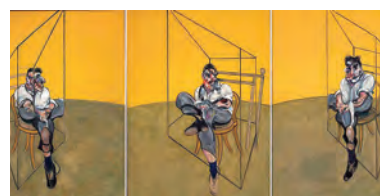
'RETRATO DE ADELE BLOCH-BAUER I'
Artista Gustav Klimt
Preço 158,5 milhões de dólares
Vendido em 2006



7º **'O SONHO'**
Artista Pablo Picasso
Preço 157,5 milhões de dólares
Vendido em 2013



8º **'RETRATO DO DR. GACHET'**
Artista Vincent van Gogh
Preço 149,4 milhões de dólares
Vendido em 1990



'TRÊS ESTUDOS DE LUCIEN FREUD'
Artista Francis Bacon
Preço 144,7 milhões de dólares
Vendido em 2013



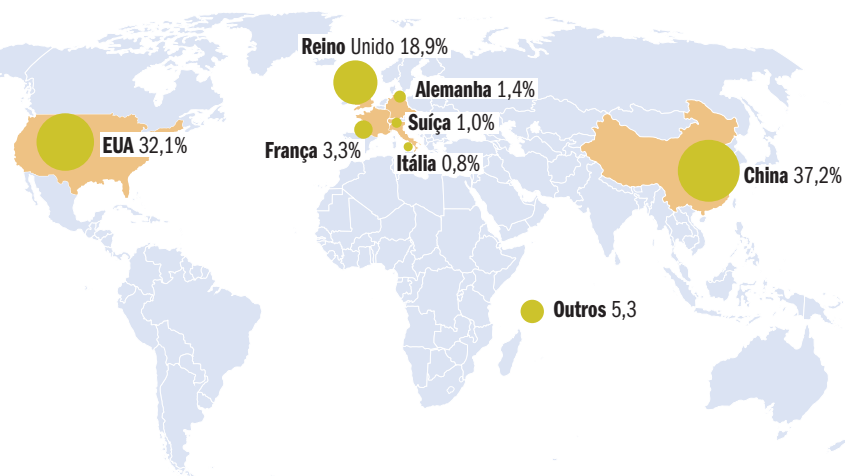
'BAILE NO MOULIN DE LA GALETTE'
Artista Pierre-Auguste Renoir
Preço 141,5 milhões de dólares
Vendido em 1990

6º

9º

10º

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS PRINCIPAIS MERCADOS DE ARTE



NÚMEROS DA SEMANA

180

Mil toneladas é a quantidade de produtos alimentares que a UNACA prevê produzir no ano agrícola 2016/2017.

17%

Valor percentual do aumento do lucro anual, alcançado pelo grupo Shoprite, no mercado nacional, ajudado pelo aumento das vendas nos supermercados de Angola.

10

Mil e 500 empresas é a quantidade de firmas certificadas pelo INAPEM, em todo o país, no ano em curso, informou o PCA da instituição, António Francisco de Assis.

120

Mil é o número de turistas que a Huila registou este ano, informou o chefe de departamento provincial de Hotelaria e Turismo, João Silvestre Figueiredo.

BLOCO PETROLÍFERO

China Sonangol perde em Cabinda



O Governo excluiu a China Sonangol International, participada pela Sonangol EP, de um bloco de produção de petróleo, situado no Bloco Norte da zona terrestre de Cabinda, por “constante incumprimento dos seus compromissos económicos e financeiros”.

A medida consta de um decreto executivo de 25 de Agosto, exarado pelo ministro dos Petróleos, Botelho de Vasconcelos, que, até ao fecho desta edição, se encontrava apenas publicado no formato de sumário na página de

internet da Imprensa Nacional.

Esta é a segunda vez, no espaço de dois meses, que o Governo assume publicamente ruptura na relação que mantinha com a China Sonangol Internacional. Em Junho deste ano, pelos mesmos motivos já evocados, o Estado angolano, através do Ministério dos Petróleos, ‘quebrou’ a parceria que mantinha com a petrolífera no bloco 3/05, no offshore angolano.

Na altura, a decisão implicava que a posição de 25% detida por aquela empresa no Contrato de Partilha de

Produção (CPP) no bloco 3/05 transitaria para a Sonangol EP (por sua vez accionista da China Sonangol), que passaria, desde então, a deter metade da sociedade.

O decreto referia ainda que a China Sonangol International “deixou de preencher os requisitos exigidos por lei”, por estar “em situação de incumprimento das obrigações financeiras relacionadas com o pagamento da sua quota-parte dos custos incorridos” pelo Grupo Empreiteiro nas operações do bloco, “dificultando desta forma a normal execução das operações petrolíferas”.

O “incumprimento”, lê-se ainda, permite à Sonangol EP (Empresa Pública) “justa causa para proceder à rescisão do CPP em relação à China Sonangol International Limited, com a consequente reversão, gratuita, da correspondente participação associativa”, que transita para a Sonangol Pesquisa e Produção.



RIL para oito meses de importação

As Reservas Internacionais Líquidas (RIL) do país, que visam garantir a estabilidade financeira e cambial, estão avaliadas em 24 mil milhões de dólares, correspondentes a oito meses de importação, assegurou, sexta-feira, em Luanda, o governador do Banco Nacional de Angola (BNA), Valter Filipe da Silva, quando prestava esclarecimentos aos parlamentares da Assembleia Nacional, durante a discussão na especialidade da Proposta de Lei do Orçamento Geral do Estado (OGE) Revisto de 2016.

Valter Filipe da Silva anunciou que o BNA está a trabalhar na reposição cambial dos bancos comerciais para que estes, de forma paulatina, comecem a autorizar o movimento das contas dos clientes em moeda externa.

O responsável alertou, no entanto, que essa disponibilidade (de moeda externa) será feita mais a nível do cartão de crédito e a nível das transferências e muito pouco a nível do dinheiro físico ou em espécie.

PETRÓLEO

Dois mil milhões de barris no Bloco 15

A Sonangol anunciou, na sexta-feira, que a produção de petróleo no Bloco 15 do ‘offshore’ angolano atingiu os dois mil milhões de barris (produção cumulativa) desde que iniciou a operação, em 2003, segundo um comunicado da petrolífera nacional.

“O alcance destes números significativos resulta de dezassete descobertas comerciais, que tornaram o Bloco 15 numa das mais bem-sucedidas concessões petrolíferas no ‘offshore’ da África Ocidental”, indicou a petrolífera estatal angolana, em comunicado.

O Bloco 15 ocupa uma área de



4.144 quilómetros quadrados e está localizado a aproximadamente 145 quilómetros a oeste da província do Zaire, no ‘offshore’ de Angola. A produção - em águas profundas - atinge

actualmente cerca de 320 mil barris de petróleo ao dia.

A Sonangol é a concessionária do Bloco 15, que tem como operadora a Esso Angola (40%).

O VALOR ESTA SEMANA

OBRAS CONTROVERSAS

Estradas ‘made in China’

Empreiteiros chineses foram novamente solicitados pelo Estado angolano para reparar as estradas nacionais que se encontram degradadas. As primeiras três empreitadas estão avaliadas em 127,7 milhões de dólares e serão executadas nas províncias de Kwanza-Sul, Kwanza-Norte e Malanje, no quadro de uma linha de crédito da China, de 163,5 milhões de dólares. **pág. 11**



POR FALTA DE ALGODÃO

Indústria têxtil adiada

ASatec, no Kwanza-Norte, e a Alassola, em Benguela, continuam inoperantes por falta de matéria-prima, no caso o algodão. O arranque das duas unidades fabris estava previsto para Julho, com a fábrica de Luanda, a Textang II, o que não chegou a ocorrer. Os três projectos consumiram cerca de mil milhões USD. **pág. 12**

A PARTIR DESTA SEMANA

Holding controla Finibanco

As acções do Finibanco - décimo quarto banco comercial angolano no ranking de activos - passam a estar controladas, até ao final do ano, por uma holding formada pelo grupo Montepio, Fundo de Investimento da Noruega e o holandês RaboBank, de acordo com fonte do grupo português Montepio. A nova entidade a ser criada será designada por ‘Arise’. **pág. 15**